

SIR ARTHUR CONAN DOYLE

O PARASITA



WWW.ELIVROS-GRATIS.NET

O PARASITA

Por
Arthur Conan Doyle

Este livro digital não pode ser vendido e foi criado como parte do Projeto 1000 Livros, por pessoas que acreditam no livro digital gratuito como ferramenta de democratização da leitura.

Se você também acredita, COMPARTILHE !

Edição Criada e Formatada por:

<http://www.elivros-gratis.net>

Tradução de Willame Soares Barroso

Contato: willame_soares@hotmail.com

Visite o site de Willame Soares Barroso em:

<http://willamesoares.github.io>

Conheça o Projeto 1000 Livros em:

<http://www.elivros-gratis.net/projeto1000livros>

24 de março. Agora a primavera está generosa conosco. Do lado de fora do meu laboratório o grande castanheiro está todo coberto por sementes grandes, viscosas e grudentas, algumas das quais já começaram a virar pequenos brotos verdes. À medida em que você caminha pelas ruas você percebe as forças ricas e silenciosas da natureza trabalhando ao seu redor. A terra molhada exala fertilidade e exuberância. Brotos verdes nascem em todo lugar. Os galhos parecem firmes com sua seiva; e o úmido e denso ar Inglês está carregado de um perfume levemente resinoso. Flores nos arbustos, cordeiros entre eles-- o trabalho de reprodução está a todo vapor em todos os lugares.

Eu consigo ver pelo lado de fora, e consigo sentir pelo lado de dentro. Nós também temos nossa primavera quando as pequenas artérias dilatam, o linfonodo flui em um fluxo acelerado, as glândulas trabalham mais, de maneira livre e dispersa. Todo ano a natureza reajusta o processo inteiro. Eu posso sentir meu sangue fermentar neste exato momento, e a medida em que o refrescante pôr do sol se despeja pela minha janela eu poderia festejar como um mosquito. Eu deveria ter dançado, mas Charles Sadler teria subido as escadas depressa para saber qual era o problema. Além disso, eu tenho que lembrar que eu sou o Professor Gilroy. Um professor de idade pode permitir-se agir naturalmente, mas quando o destino dá uma das principais posições na universidade para um homem de baixa estatura ele deve tentar interpretar o papel de maneira consistente.

Mas que amigo é Wilson! Se eu pudesse ao menos colocar o mesmo entusiasmo em fisiologia que ele coloca em psicologia, eu deveria me tornar, no mínimo, um Claude Bernard. A sua vida inteira, sua alma e a sua energia dedicam-se a um fim. Ele dorme comparando os resultados do dia anterior, e acorda para planejar suas pesquisas para o dia seguinte. E mesmo assim, fora do pequeno círculo que segue seus avanços, ele recebe pouquíssimo crédito por isso. Fisiologia é uma ciência reconhecida. Se eu colocar pelo menos um tijolo no edifício, todos irão ver e aplaudir. Mas Wilson que está tentando descobrir os fundamentos de uma ciência do futuro tem seu trabalho ignorado e não divulgado. Mesmo assim ele segue pacientemente, juntamente com uma centena de loucos na esperança de encontrar uma prova confiável, filtrando uma centena de mentiras na chance de obter um pequeno rastro de verdade, examinando livros velhos, devorando novos, experimentando, lecionando, tentando instigar nos outros o interesse ardente que lhe consome. Eu fico fascinado e admirado quando eu penso nele, e ainda assim, quando ele pede que eu me associe com suas pesquisas, eu sou obrigado a dizer que, no estado atual dessas pesquisas, elas não são tão atrativas para um homem dedicado a ciência exata. Se ele pudesse me mostrar algo positivo e objetivo, eu poderia então ficar tentado a abordar a questão pelo ponto de vista fisiológico. Enquanto metade dos seus estudos estiverem ligados ao charlatanismo e a outra metade com histeria nós fisiologistas devemos nos contentar com o corpo e deixar a mente para nossos descendentes.

Sem dúvida eu sou uma pessoa materialista. Agatha diz que eu sou o número um. Eu digo a ela que este é um ótimo motivo para encurtar nosso noivado, visto que eu necessito urgentemente da sua espiritualidade. E ainda assim eu posso reivindicar ser um caso interessante do efeito da educação sobre o temperamento, o que eu sou por natureza, a menos que eu engane a mim mesmo, um homem altamente psíquico. Eu era um garoto nervoso, sensível, um sonhador, um sonâmbulo, cheio de sentimentos e intuições. Meu cabelo preto, meus olhos escuros, meu rosto magro e oleoso, meus dedos afilados, são características do meu verdadeiro temperamento, e fazem com que profissionais como Wilson reivindiquem que eu seja um deles. Mas o meu cérebro está encharcado de conhecimentos exatos. Eu me treinei para lidar apenas com fatos e provas. Suposição e fantasia não têm lugar no meu modo de pensar. Mostre-me algo que eu posso observar com meu microscópio, cortar com meu bisturi, pesar na minha balança, e então eu irei dedicar uma vida inteira a sua investigação. Mas quando você pede que eu estude sentimentos, suposições, sugestões, você está me pedindo para fazer algo desagradável e até mesmo

desmoralizante. Qualquer abandono da razão pura me afeta como um odor maligno ou um desacordo musical.

Esse é um motivo suficiente para explicar porque eu estou relutante em ir encontrar Professor Wilson hoje à noite. Ainda assim eu sinto que dificilmente poderia livrar-me do convite sem parecer rude; e, agora que Sra. Marden e Agatha estão indo, certamente eu não o faria se eu pudesse. Mas eu preferiria encontrá-los em qualquer outro lugar. Eu sei que Wilson iria me arrastar para esta subsciência imprecisa dele se ele pudesse. Em seu entusiasmo ele se torna completamente impassível a palpites e objeções. Nada mais do que uma discursão positiva o fará perceber minha aversão a tudo isso. Eu não tenho dúvidas de que ele tem algum novo tipo de hipnotismo ou clarividência ou médium ou truque que ele vai exhibir para nós, porque até seus entretenimentos incidem sobre seu hobby. Bem, de qualquer forma isso será uma alegria para Agatha. Ela se interessa por isso, assim como toda mulher geralmente se interessa por algo que é vago e místico e indefinido.

10:50 P.M. Este meu diário é, eu imagino, o resultado do hábito científico de me importar com o que eu escrevi esta manhã. Eu gosto de registrar impressões enquanto elas ainda estão frescas. Uma vez por dia no mínimo eu me esforço para definir minha própria posição mental. É uma ferramenta muito útil para autoanálise, e tem, eu imagino, um efeito constante sobre o personagem. Francamente, eu devo confessar que eu mesmo necessito de um reforço. Eu tenho medo de que, depois de tudo, muito do meu temperamento neurótico sobreviva, e eu esteja longe daquela tranquila, calma precisão que caracteriza Murdoch ou Pratt-Haldane. Caso contrário, por que aquela idiotice que eu testemunhei essa noite deve ter estimulado meus nervos de modo que até agora eu ainda esteja nervoso? Meu único conforto é que nem Wilson nem Srta. Penclosa e nem mesmo Agatha poderiam possivelmente ter percebido minha fraqueza.

Mas o que nesse mundo havia naquele lugar para me perturbar? Nada, ou algo tão desprezível que vai parecer ridículo quando eu perceber.

Os Mardens chegaram à casa de Wilson antes de mim. De fato, eu fui um dos últimos a chegar e encontrar o lugar lotado. Eu quase nem tive tempo de dar uma palavra com Sra. Marden e Agatha, que estava encantadora de branco e cor-de-rosa, com folhas de trigo cintilante em seu cabelo, quando Wilson chegou puxando minhas mangas.

“Você quer algo positivo, Gilroy,” ele disse, arrastando-me para o canto. “Meu querido amigo, eu tenho um fenômeno-- um fenômeno!”

Eu deveria estar mais impressionado se eu já não tivesse ouvido o mesmo antes. Seu espírito sanguíneo transforma todo vagalume em uma estrela.

“Desta vez sem possíveis perguntas a respeito da boa fé,” ele disse, em resposta, talvez, a algum pequeno rastro de distração nos meus olhos. “Minha esposa a conhece por muitos anos. Ambas vêm de Trinidad, você sabe. Srta. Penclosa esteve na Inglaterra por um ou dois meses apenas, e não conhece ninguém fora da universidade, mas eu lhe asseguro que as coisas que ela nos contou são, por elas mesmas, suficientes para definir a clarividência sobre uma base absolutamente científica. Não existe nada como ela, amador ou profissional. Venha e se apresente!”

Eu não gosto de nenhum desses comerciantes de mistérios, e muito menos de amadores. Com o executor da performance pago você pode argumentá-lo e expô-lo no momento em que você conseguiu entender seu truque. Ele está lá para te iludir, e você para o desmascarar. Mas o que você pode fazer com o amigo do anfitrião da sua esposa? Você deve repentinamente acender uma luz e expô-la tocando um banjo oculto? Ou você deve lançar cochineal sobre sua bata noturna enquanto ela rouba a cena com seu frasco de fósforo e sua tranquilidade supernatural?

Haveria então uma cena, e você seria visto como rude. Então você tem a escolha de ser isso ou um comparsa. Eu não estava com um bom humor enquanto seguia Wilson até a moça.

Eu não poderia imaginar nada menos que a minha ideia de uma Indiana Ocidental. Ela era criatura pequena, frágil, facilmente acima dos quarenta, eu diria, com uma pele pálida, acinzentada, e cabelos com um leve tom acastanhado. Sua presença era insignificante a seu jeito introvertido. Em qualquer grupo de dez mulheres ela seria a última que alguém escolheria. Seus olhos eram talvez sua característica mais notável, e também, sou obrigado a dizer, sua característica menos agradável. Eles eram cinzas, --cinza com um tom esverdeado, --e suas expressões me pareciam ser claramente dissimuladas. Eu me pergunto se dissimulada seria a palavra correta, ou eu deveria dizer agressiva? Pensando bem, felina teria expressado melhor. Uma bengala encostada na parede me mostrou o que era dolorosamente evidente quando ela se levantou: uma das suas pernas estava machucada.

Então eu fui apresentado para Srta. Penclosa, e não pude deixar de perceber que quando meu nome foi citado ela olhou rapidamente para Agatha. Wilson evidentemente falou algo sobre. E em breve, sem dúvida, imagino eu, ela me informará que por meios ocultos eu estou noivo de uma jovem moça com folhas de trigo no seu cabelo. Eu me pergunto quanto mais Wilson deve ter contado a ela sobre mim.

“Professor Gilroy é tremendamente céptico,” ele disse; “Eu espero, Srta. Penclosa, que você será capaz de convertê-lo.”

Ela me olhou profundamente.

“Professor Gilroy está certo em ser céptico se ele nunca viu nada convincente,” ela disse. “Eu deveria ter imaginado,” acrescentou, “que você mesmo teria sido um ótimo caso.”

“Para quê, posso saber?” eu disse.

“Bem, para hipnotismo, por exemplo.”

“Minha experiência tem sido a de que hipnotistas escolhem para seus casos aqueles que são mentalmente frágeis. Todos os seus resultados são viciados, como me parecem, pelo fato de que eles estão lidando com organismos anormais.”

“Qual dessas moças você diria possuir um organismo normal?” ela perguntou. “Eu gostaria que você escolhesse aquela que para você parece ter a mente mais bem balanceada. Deveríamos dizer a garota em branco e cor-de-rosa? --Srta. Agatha Marden, eu creio que seja seu nome.”

“Sim, Eu levaria em consideração qualquer resultado obtido a partir dela.”

“Eu nunca testei o quanto é necessário para impressioná-la. Claro que algumas pessoas reagem mais rápido que outras. Posso lhe perguntar quão longe vai o seu cepticismo? Eu suponho que você aceite algo como o sono hipnótico e o poder da sugestão.”

“Eu não admito nada, Srta. Penclosa.”

“Meu querido, eu pensava que a ciência já tinha ido além disso. Claro que eu não sei nada sobre o lado científico disso. Eu sei apenas o que eu posso fazer. Você vê a garota de vermelho, por exemplo, perto do vaso japonês. Eu desejarei que ela venha até nós.”

Ela curvou-se enquanto falava e deixou cair seu leque no chão. A garota virou-se rapidamente e veio direto em nossa direção, com um olhar curioso, como se alguém tivesse a chamado.

“O que você acha disso, Gilroy?”, exclamou Wilson, em um tipo de êxtase.

Eu não ousei contar a ele o que eu achava daquilo. Para mim aquilo foi o mais descarado, vergonhoso tipo de artifício que eu já havia testemunhado. A conspiração e aquele sinal foram realmente muito óbvios.

“Professor Gilroy não está satisfeito,” ela disse, olhando para mim com seus olhos pequenos e estranhos. “Meu pobre leque serve para obter o crédito desse experimento. Bem, nós devemos tentar algo mais. Srta. Marden, você teria alguma objeção em eu lhe colocar em sono profundo?”

“Oh, eu amaria!” exclamou Agatha.

Naquele momento todos haviam se reunido em um círculo, alguns deslumbrados, alguns críticos, como se aquilo fosse algo como uma cerimônia religiosa ou um divertimento para os convidados. Uma poltrona de veludo vermelho foi colocada no centro, e Agatha deitou-se nela, um pouco envergonhada e ligeiramente trêmula de animação. Eu pude perceber pela agitação das folhas de trigo. Srta. Penclosa levantou do seu assento e ficou de pé na frente dela, apoiando-se em sua bengala.

E então houve uma mudança naquela mulher. Ela não parecia mais pequena e insignificante. Vinte anos se foram da sua idade. Seus olhos brilhavam, um toque de cor apareceu em suas bochechas amareladas, a sua figura tinha se expandido por um todo. Então eu vi um jovem de olhar sombrio e indiferente se transformar num instante em um jovem viril e vívido como quando o mesmo recebe uma tarefa na qual ele tem domínio. Ela olhou para Agatha com uma expressão que eu abominei do fundo da minha alma – a expressão com a qual um imperador Romano poderia ter olhado para seu escravo ajoelhado. Então com um gesto rápido e imponente ela lançou seus braços e vagarosamente os moveu para baixo na frente dela.

Eu estava assistindo Agatha intensamente. Durante três passagens ela parecia estar simplesmente impressionada. No quarto eu observei uma leve vitrificação nos seus olhos, acompanhada de uma dilatação das suas pupilas. No sexto houve uma rigidez momentânea. No sétimo suas pálpebras começaram a deslizar. No décimo seus olhos estavam fechados, e sua respiração estava mais devagar e mais plena que o normal. Enquanto assistia eu tentava manter minha consciência científica, mas uma agitação tola e sem motivo me deixou nervoso. Eu acredito que eu a escondi, mas eu me senti como uma criança se sente no escuro. Eu não pude acreditar que eu ainda era suscetível a tal fraqueza.

“Ela está em transe,” disse Srta. Penclosa.

“Ela está dormindo!” eu gritei.

“Acorde-a, então!”

Eu a puxei pelo seu braço e gritei em seu ouvido. Ela poderia estar morta pela impressão que tive. Seu corpo estava lá na cadeira de camurça. Seus órgãos estavam funcionando – seu coração, seus pulmões. Mas a alma dela! Foi levada para além da nossa compreensão. Para onde ela pode ter ido? Que poder pode ter a desapropriado? Eu estava confuso e desconcertado.

“Isso tudo com um sono hipnótico,” disse Srta. Penclosa. “Em relação à sugestão, qualquer coisa que que sugerir a Srta. Marden fará infalivelmente, seja agora ou depois que ela tenha acordado do seu estado de transe. Você deseja uma prova disso?”

“Certamente,” eu disse.

“E você a terá.” Eu percebi um sorriso sobre seu rosto, como se um pensamento impressionante a atingiu. Ela inclinou-se e sussurrou seriamente no seu ouvido. Agatha, que estava tão surda para comigo, balançava sua cabeça enquanto ouvia.

“Acorde!” exclamou Srta. Penclosa, com um suave toque de sua bengala no chão. Os olhos se abriram, o olhar vidrado vagorosamente se desfez e a sua alma surgiu novamente depois do seu estranho obscurecimento.

Nós fomos embora mais cedo. Agatha não estava tão ruim pela sua estranha viagem, mas eu estava nervoso e irritado, incapaz de ouvir ou responder a enchente de comentários que Wilson dirigia a mim. Enquanto eu a desejava boa noite Srta. Penclosa disfarçadamente colocou um pedaço de papel na minha mão.

“Perdoa-me.” ela disse, “pelos meus meios de superar o seu ceticismo. Abra este bilhete as 10 horas amanhã pela manhã. É um pequeno teste particular.”

Eu não consigo imaginar o que ela quis dizer, mas eu tenho o bilhete, e o mesmo será aberto como ela instruiu. Minha cabeça está doendo, e eu escrevi o suficiente por esta noite. Amanhã eu ousou dizer que o que parece ser inexplicável tomará outro aspecto. Eu não devo abandonar minhas convicções sem lutar.

25 de Março. Eu estou impressionado, confuso. É óbvio que preciso reconsiderar minha opinião sobre o assunto. Mas primeiro permita-me registrar o que ocorreu.

Eu terminei o café da manhã, e estava olhando alguns diagramas, com os quais devo ilustrar minha aula, quando minha empregada entrou e me informou que Agatha estava no meu escritório e desejava me ver imediatamente. Eu olhei para o relógio e vi que ainda faltavam trinta minutos para as dez horas.

Quando eu entrei na sala, ela estava em pé no tapete perto da chaminé olhando para mim. Algo em sua pose me acalmou e levaram as palavras que estavam surgindo nos meus lábios. Seu véu estava pela metade, mas eu podia ver que ela parecia pálida e que sua expressão estava inibida.

“Austin,” ela disse, “eu vim para lhe dizer que nosso noivado chegou ao fim.”

Eu entrei em choque. Eu acredito que eu literalmente entrei em estado de choque. Eu sei que encontrei-me encostado na estante de livros para me sustentar.

“Mas...mas...” eu gaguejei. “Isto é algo muito súbito, Agatha.”

“Sim, Austin, eu vim aqui para lhe dizer que nosso noivado chegou ao fim.”

“Mas, certamente,” eu gritei, “você me dará algum motivo! Isto é algo contrário a você, Agatha. Conte-me como eu tenho sido desagradável o suficiente para lhe ofender.”

“Está tudo acabado, Austin.”

“Mas por quê? Você deve estar sob alguma ilusão, Agatha. Talvez alguém lhe contou alguma mentira a meu respeito. Ou você deve ter interpretado errado algo que eu lhe disse. Apenas permita-me saber o que é isso, e uma palavra pode consertar isso tudo.”

“Nós devemos considerar isso tudo no fim.”

“Mas você me deixou ontem a noite sem nenhum rastro de desentendimento. O que pode ter ocorrido nesse intervalo para lhe mudar tanto? Deve ter sido algo que aconteceu na noite de ontem. Você esteve pensando sobre isso e desaprovou minha conduta. Foi o hipnotismo? Você me culpou por ter deixado aquela mulher exercer seu poder sobre você? Você sabe que no menor sinal eu poderia ter interferido.”

“Isso é inútil, Austin. Está tudo acabado.”

Ela falava de maneira fria e calculista; sua atitude parecia estranhamente formal e inflexível. Parecia para mim que ela estava absolutamente decidida a não se deixar levar por qualquer argumento ou explicação. Quanto a mim, eu estava trêmulo de tanta intranquilidade, virei meu rosto, e de tão envergonhado que eu estava ela podia perceber minha ânsia por controle.

“Você deve saber o que isso significa para mim!” exclamei. “Isto é a destruição de todas as minhas expectativas e a arruição da minha vida! Você não vai me punir dessa forma sem ouvir algo. Você vai me dizer qual é o problema. Leve em consideração o quão absurdo seria para mim, sob quaisquer circunstâncias, lhe tratar dessa maneira. Pelo amor de Deus, Agatha, diga-me o que eu fiz!”

Ela passou por mim sem dizer uma palavra e abriu a porta.

“É praticamente inútil Austin,” ela disse. “Você deve considerar que nosso noivado chegou ao fim.” Logo depois ela se foi, e, antes que eu pudesse me recuperar e segui-la, eu ouvi a porta da sala fechando atrás dela.

Eu corri para o meu quarto a fim de trocar de casaco, com o intuito de correr para casa de Sra. Marden a fim de descobrir qual poderia ser a causa daquela fatalidade. Eu estava tão trêmula que mal podia amarrar minhas botas. Eu nunca esquecerei aqueles dez minutos horríveis. Eu tinha acabado de colocar meu sobretudo quando o relógio sobre a lareira tocou dez horas.

Dez! Eu associei a ideia com o bilhete de Srta. Penclosa. Ele estava em cima da mesa bem atrás de mim, e então eu o abri. Ele foi escrito a lápis em uma escrita peculiarmente angular.

“QUERIDO PROFESSOR GILROY [dizia]: Perdoe-me pela natureza pessoal do teste que eu estou lhe aplicando. Professor Wilson acabou por mencionar a relação entre você e minha voluntária naquela noite, e me ocorreu que nada poderia ser mais convincente para você do que se eu sugerisse Srta. Marden a lhe procurar as nove e meia pela manhã de amanhã e suspender seu noivado por cerca de meia hora. A ciência em si é tão exata que é difícil pensar em um teste satisfatório, mas eu estou certa de que isto seria para ela, no mínimo, uma atitude muito improvável de ser tomada por vontade própria. Esqueça qualquer coisa ela pode ter dito, visto que ela não tem absolutamente nada a ver com isso, e certamente não lembrará nada a respeito. Eu escrevi este bilhete para diminuir a sua ansiedade, e pedir que me desculpe pela infelicidade momentânea que a minha sugestão pode ter lhe causado. Atenciosamente; HELEN PENCLOSA.”

Sinceramente, quando eu li o bilhete, eu estava aliviado demais para ficar zangado. Foi uma libertação. Certamente foi uma liberdade incrível de fato por parte de uma senhora que eu havia visto apenas uma vez. Mas, depois de tudo, eu a desafiei com o meu ceticismo. Pode ter sido, como ela disse, um pouco complicado elaborar um teste que me satisfaria.

E ela conseguiu. Não poderiam de maneira alguma haver questões sobre aquilo. Para mim o hipnotismo estava finalmente garantido. A partir de agora ele tomou seu lugar como um dos fatos da vida. Aquela Agatha, a qual entre todas as mulheres que conheço tem a mente mais bem balanceada, foi reduzida a uma condição de automatismo aparentemente determinada. Uma pessoa a distância conseguiu a modificar como um engenheiro em uma fronteira conseguiria

guiar um torpedo Brennan¹. Uma segunda alma interveio, digamos, colocou a sua própria alma de lado e fisgou seu mecanismo nervoso, dizendo: “Eu tomarei de conta por meio hora.” E Agatha pode ter ficado inconsciente enquanto vinha e enquanto retornava. Ela conseguiu chegar em casa em segurança caminhando por essas ruas em tal estado? Eu coloquei meu chapéu e corri para ver se estava tudo bem com ela.

Sim. Ela estava em casa. Eu entrei na sala de visitas e a encontrei sentada com um livro sobre seu colo.

“Você veio me visitar bem cedo, Austin,” ela disse, sorrindo.

“E você o fez ainda mais cedo,” eu respondi.

“Você não saiu hoje?”

“Não, certamente não.”

“Agatha,” falei seriamente, “você se importaria de me contar exatamente o que fez esta manhã?”

Ela sorriu da minha seriedade.

“Você está com seu olhar perspicaz, Austin. Veja o que acontece quando se está noiva de um homem da ciência. Contudo, eu lhe contarei, apesar de eu não imaginar para que você quer saber disso. Eu levantei as oito. Tomei café trinta minutos depois. Vim para esta sala as nove e dez e comecei a ler 'Memórias de Madame de Remusat'. Em poucos minutos eu fiz um péssimo cumprimento a essa senhora francesa quando cai no sono sobre suas páginas, e fiz a você outro lisonjeiro de sonhar com você. Acordei há poucos minutos atrás.”

“E encontrou-se onde você estava antes?”

“Por que, onde mais eu poderia me encontrar?”

“Você se importaria de me contar, Agatha, como foi o sonho que teve comigo? Isso é mera curiosidade da minha parte.”

“Eu meramente tive a impressão de você estar nele. Eu não consigo lembrar de nada preciso.”

“Se você não saiu hoje, Agatha, como os seus sapatos ficaram sujos?”

Um olhar aflito surgiu sob seu rosto.

“Sério, Austin, eu não sei qual o problema com você esta manhã. Poderiam até dizer que você duvida da minha palavra. Se as minhas botas estão sujas, isso significa, claro, que eu coloquei um par que a empregada não havia limpado.”

Era perfeitamente notável que não ela sabia nada do que havia acontecido, e eu concluí que, depois de tudo, talvez fosse melhor que eu não explicasse nada a ela. Isso poderia assustá-la, e aquilo não teria nenhuma utilidade ao meu ver. Portanto, eu não disse nada mais a respeito e parti logo em seguida para ministrar minha aula.

Mas eu estou imensamente impressionado. Meu horizonte de possibilidades científicas foi repentinamente expandido. Eu não duvido mais do entusiasmo e energia histórica de Wilson.

¹ Torpedo patenteado por Louis Brennan em 1877, considerado o primeiro torpedo guiado de maneira prática no mundo.

Quem não ficaria assim se tivesse um campo de estudo virgem e imenso a ser descoberto em suas mãos? Por que eu, que conheci a forma original de um nucléolo, ou uma peculiaridade trivial de uma fibra muscular estriada sob lentes de 300mm de diâmetro, me encho com tal encanto. Quão insignificantes essas pesquisas parecem ser quando comparadas com uma que afeta diretamente as raízes da vida e a natureza da alma! Eu sempre vi o conceito de espírito como o produto da matéria. O cérebro, eu imaginava, segregava a mente, assim com o fígado segrega a bile. Mas como isso pode ser verdade quando eu observo a mente trabalhando à distância e lidando com a matéria assim como um músico poderia lidar com um violino? O corpo não dá origem à mente, então, mas é preferivelmente o instrumento bruto pelo qual o espírito se manifesta. O moinho não dá origem ao vento, apenas o sinaliza. Isso era oposto à minha maneira de pensar inteira, e ainda assim era incontestavelmente possível e digno de investigação.

E por que eu não deveria investigá-lo? Eu entendo que no encontro de ontem eu disse: “Se eu pudesse observar algo positivo e objetivo, eu poderia ficar tentado a abordar o tema sob o aspecto fisiológico.” Bem, eu consegui minha prova. Eu devo ser tão certo quanto a minha palavra. A investigação seria, tenho certeza, de imenso interesse. Alguns dos meus amigos pode olhar para isso de maneira suspeita, pois a ciência é cheia de preconceitos sem fundamento, mas se Wilson tem confiança nas suas convicções, eu posso tê-la também. Eu o encontrarei amanhã pela manhã – ele e Srta. Penclosa. Se ela pode nos mostrar aquilo tudo, é provável que ela possa nos mostrar mais.



26 de Março. Como eu esperava, Wilson estava maravilhado com a minha conversão, e Srta. Penclosa também estava claramente contente com o resultado do seu experimento. Estranho o quão silencioso e incolor ela é, exceto quando exerce seu poder! Até mesmo falando sobre isso a deixa cheia de vida e cor. Ela parece ter um interesse particular em mim. Eu não posso deixar de notar como seus olhos me seguem pela sala.

Nós tivemos uma conversa bem interessante sobre seus poderes. É interessante também registrar suas opiniões, apesar de as mesmas não requererem nenhum peso científico.

“Você está na margem do assunto”, ela disse, quando eu expressei dúvidas em relação ao notável caso de sugestão que ela havia me mostrado. “Eu não tive nenhuma influência direta sobre Srta. Marden quando foi ao seu encontro. Eu não estava nem mesmo pensando nela naquela manhã. O que eu fiz para mudar sua mente foi o mesmo que ajustar o alarme de um relógio para despertar por si próprio. Se ao invés de doze horas, seis meses tivessem sido sugeridos, a situação teria sido a mesma.

“E se a sugestão tivesse sido me assassinar?”

“Ela teria inevitavelmente o assassinado.”

“Mas esse é um poder terrível!”, exclamei.

“De fato é, como você diz, um poder terrível,” ela respondeu seriamente, “e quanto mais você o conhece, mais terrível ele lhe parecerá.”

“Posso perguntar”, eu disse, “o que você quis dizer quando mencionou que esse caso de sugestão está apenas à margem disso? O que você considera essencial?”

“Eu preferiria não lhe contar.”

Eu fiquei surpreso com a escolha da sua resposta.

“Você precisa entender”, eu disse, “que eu não pergunto por curiosidade, mas sim na esperança de que eu possa encontrar alguma explicação científica para os fatos que você forneceu.”

“Francamente, Professor Gilroy”, ela disse, “Eu não estou nem um pouco interessada em ciência, e também não me importo se ela pode ou não classificar esses poderes.”

“Mas eu esperava que...”

“Ah, isto é completamente diferente. Se você fizer disso uma questão pessoal,” ela disse, com os sorrisos mais agradáveis, “eu ficarei muito feliz em lhe contar qualquer coisa que você deseje saber. Deixe-me ver; o que foi que você me perguntou? Oh, sobre os outros poderes. Professor Wilson nunca acreditaria neles, mas eles também são completamente verdadeiros. Por exemplo, é possível que um hipnotista ganhe controle total sobre sua vítima, presumindo que o primeiro é um dos bons. Sem nenhuma sugestão prévia ele pode fazer sua vítima fazer o que ele quiser.”

“Sem o conhecimento da vítima?”

“Isso depende. Se a força for forte o suficiente, ele não saberia nada além do que a Srta. Marden sabia quando ela apareceu e lhe assustou. Ou, se a influência for menos intensa, ele pode ter consciência do que ele está fazendo, mas ser incapaz de evitar que ele mesmo o faça.”

“Ele teria perdido o seu próprio poder de vontade, então?”

“Esse poder teria sido substituído por um mais forte.”

“Você já exerceu esse tipo de poder?”

“Algumas vezes.”

“A sua vontade própria é tão forte assim, então?”

“Bem, isso não depende inteiramente dela. Muitos possuem fortes desejos que não podem ser separados deles mesmos. A questão é ter o dom de projetá-lo em outra pessoa e anular o seu próprio. Eu acho que o poder varia de acordo com minha própria força e saúde.”

“Praticamente, você envia sua alma para o corpo de outra pessoa.”

“Bem, você pode colocar dessa forma.”

“E o que o seu próprio corpo faz?”

“Ele meramente fica apático.”

“Bem, mas não há nenhum perigo para sua própria saúde?” eu perguntei.

“Pode de ser que haja um pouco. Você tem que ser cuidadoso para nunca deixar sua própria consciência partir completamente; caso contrário, você pode ter dificuldade em encontrá-la novamente. Você deve sempre preservar a conexão, tal como era. Eu tenho receio de me expressar mal, Professor Gilroy, mas certamente eu não sei como colocar essas coisas de uma maneira científica. Eu estou apenas lhe fornecendo minhas experiências e explicações próprias.”

Bem, eu leio isso agora durante meu descanso, e me admiro! Este é Austin Gilroy, o homem que conseguiu sua posição pelo seu poder de raciocínio intenso e sua devoção a fatos? Cá estou eu seriamente vendendo conversa de uma mulher que me diz como sua alma pode ser projetada de seu corpo, e como, enquanto ela repousa em apatia, ela pode controlar as ações de pessoas a distância. Eu devo aceitar isso? Certamente não. Ela deve provar novamente antes de eu chegar a uma opinião. Mas se eu ainda sou um céptico, eu no mínimo parei de ser um caluniador. Nós devemos ter uma reunião esta tarde, e ela deve tentar produzir qualquer efeito hipnótico sobre mim. Se ela conseguir, isso vai se tornar um ótimo ponto de partida para nossa investigação. Ninguém pode me acusar, de forma alguma, de cumplicidade. Se ela não conseguir, nós devemos tentar encontrar alguma vítima que seja como a esposa de César. Wilson é perfeitamente imune.

10 P.M. Eu acredito que eu estou no começo de uma investigação de uma nova era. Ter o poder de examinar esses fenômenos de dentro – ter um indivíduo que irá reagir, e ao mesmo momento um cérebro que irá apreciar e criticar – é certamente uma vantagem única. Eu tenho certeza que Wilson daria cinco anos da sua vida para se tornar tão suscetível quanto eu provei ser.

Não havia ninguém presente exceto Wilson e sua esposa. Eu estava sentado com minha cabeça inclinada para trás, e Srta. Penclosa, que estava de pé na minha frente e um pouco para a esquerda, usava os mesmos traços longos e profundos que usou com Agatha. Em cada um deles uma agradável corrente de ar parecia me paralisar, e espalhar uma vibração e brilho através de mim da cabeça aos pés. Meus olhos estavam fixos no rosto de Srta. Penclosa, mas assim que olhei os traços pareciam se embaçar e desaparecer. Eu estava ciente apenas dos seus olhos

voltados para mim, cinzas, profundos, impenetráveis. Eles ficavam cada vez maiores, até que repentinamente se transformaram em dois lagos montanhosos nos quais eu parecia estar afundando com tremenda rapidez. Eu estremei, e naquele momento uma gama de pensamentos me diziam que aquela vibração representava a mesma rigidez que havia observado em Agatha. Em um instante depois eu atingi a superfície dos lagos, e estava agora entrando em um deles e me aprofundando nas águas com uma plenitude na minha cabeça e um zumbido nos meus ouvidos. Mergulhei mais e mais, e de uma só vez subi novamente até que pude ver a luz fluindo brilhantemente através da água verde. Eu estava quase na superfície quando a palavra "Acorde!" passou pela minha cabeça, e, com um pontapé, eu me vi de volta na poltrona, com Srta. Penclosa apoiando-se em sua bengala, e Wilson, com seu caderno de anotações em sua mão, espiando sobre o ombro dela. Nenhum peso ou cansaço foi deixado para trás. Muito pelo contrário, apesar de ter se passado apenas uma hora ou mais do experimento, eu me sinto tão alerta que estou mais disposto ao meu estudo do que meu quarto. Eu vejo um panorama de experimentos interessantes se estendendo diante de nós, e eu estou impaciente para começar a estudá-los.

27 de Março. Um dia em branco, pelo fato de Miss Penclosa ir com Wilson e sua esposa para o Suttons'. Deu-se início ao "Hipnotismo Animal" de Binet e Ferre. Que águas estranhas e profundas! Resultados, resultados e mais resultados – e a causa ainda um mistério absoluto. Isso é algo estimulante para a imaginação, mas eu devo permanecer em guarda contra isso. Não podemos ter inferências nem deduções, nem nada além de fatos sólidos. EU SEI que o transe hipnótico é verdadeiro; EU SEI que a sugestão hipnótica é verdadeira; EU SEI que eu mesmo sou vítima desta força. Esse é a minha posição no momento. Eu tenho um enorme caderno de anotações que será dedicado inteiramente aos detalhes científicos.

Longa conversa com Agatha e Sra. Marden à noite sobre o nosso casamento. Achamos que as férias de verão (o início dela) seria o melhor momento para o casamento. Por que deveríamos adiar? Eu nem mesmo gosto desses poucos meses. Ainda assim, como diz Sra. Marden, há um bom número de coisas a serem organizadas.

28 de março. Hipnotizado novamente pela Srta. Penclosa. Experimentei praticamente o mesmo que antes, exceto que fiquei inconsciente mais rapidamente. Veja o Caderno A para temperatura do quarto, pressão barométrica, pulsação e respiração obtidas pelo Professor Wilson.

29 de março. Hipnotizado novamente. Detalhes no Caderno A.

30 de março. Domingo, um dia em branco. Eu odeio qualquer interrupção nos nossos experimentos. No momento eles abrangem meramente os aspectos físicos, os quais se dão com leve, plena e extrema insensibilidade. Posteriormente nós esperamos passar para os fenômenos da sugestão e da lucidez. Professores têm demonstrado essas coisas atuando sobre mulheres em Nancy e no Salpetriere. Mas será mais convincente quando uma mulher demonstrar isso em um professor, com um segundo professor como testemunha. E que eu deveria ser a vítima – eu, o cético, o materialista! Pelo menos, eu mostrei que minha devoção à ciência é maior do que a minha própria coerência pessoal. A ingestão de nossas próprias palavras é o maior sacrifício que a verdade sempre exige de nós.

Meu vizinho, Charles Sadler, o belo jovem demonstrador de anatomia, veio nesta noite retornar um volume dos "Arquivos" de Virchow que eu havia emprestado a ele. Eu o chamo de novo, mas, na realidade, ele é um ano mais velho que eu.

"Eu entendo, Gilroy," ele disse, "que você está sendo testado por Srta. Penclosa.

"Bem", ele continuou, quando eu tinha confirmado, "se eu fosse você, eu não deixaria isso ir mais longe. Você vai achar que sou muito impertinente, sem dúvida, mas, não obstante, eu sinto que é o meu dever de aconselhá-lo a não ter mais nada a ver com ela".

É claro que eu perguntei-lhe porquê.

“Eu estou em uma situação na qual eu não posso entrar em detalhes tão livremente como eu gostaria.”, ele disse. “Srta. Penclosa é amiga de um amigo meu, e a minha posição é delicada. Eu só posso dizer uma coisa: que eu mesmo fui vítima de alguns dos seus experimentos, e que eles deixaram as impressões mais desagradáveis possíveis na minha mente.”

Ele dificilmente esperaria que eu ficasse satisfeito com aquilo, então continuei tentando obter algo mais específico dele, mas sem sucesso. É possível que ele estivesse com inveja pelo fato de eu o ter substituído? Ou ele é um daqueles cientistas que se sentem pessoalmente ofendidos quando fatos vão contra as suas opiniões preconcebidas? Ele não pode estar seriamente supondo que pelo fato de ele ter alguma reclamação vaga eu irei, portanto, abandonar uma série de experimentos que prometem ser tão produtivos. Ele parecia estar irritado com o modo como eu tratei seus avisos obscuros, e nós nos despedimos com uma certa frieza em ambos os lados.

31 de março. Hipnotizado por Srta. P.

1º de abril. Hipnotizado por Srta. P. (Caderno de anotações A)

2 de abril. Hipnotizado por Srta. P. (Tabela esfigmógrafa feita pelo Professor Wilson.)

3 de abril. É possível que esse processo de hipnotismo pode ser um pouco difícil para a estrutura em geral. Agatha diz que eu estou mais magro e com sombras debaixo dos olhos. Eu percebo uma certa ansiedade que eu não tinha percebido em mim antes. O menor barulho, por exemplo, me faz ficar alerta, e a estupidez de um estudante me causa raiva ao invés de diversão. Agatha deseja que eu pare, mas eu digo a ela que todo processo de estudo é complicado, e que ninguém pode alcançar um resultado sem ter que pagar algum preço por isso. Quando ela entender a importância que meu futuro artigo em "A Relação entre Mente e Matéria" pode ter, ela entenderá que um pouco de desgaste e ferimento vale a pena. Eu não ficaria surpreso se eu conseguir meu título de membro da Royal Society² com esse trabalho.

Hipnotizado novamente à noite. O efeito é produzido mais rapidamente agora, e as visões pessoais são menos notáveis. EU mantenho anotações completas de cada sessão. Wilson está partindo para a cidade por uma semana ou dez dias, mas nós não iremos interromper os experimentos, os quais dependem tanto das minhas sensações quando das suas observações.

4 de abril. Eu preciso estar cuidadosamente em guarda. Uma complicação com a qual eu não contava surgiu em nossos experimentos. Na minha ânsia por fatos científicos eu acabei ficando totalmente cego quanto as relações pessoais entre Srta. Penclosa e eu. Eu posso escrever aqui o que eu não diria para nenhuma alma viva. A mulher infeliz aparenta ter criado uma fixação por mim.

Eu não deveria dizer tal coisa, mesmo na privacidade do meu próprio diário, se isso não tivesse chegado ao ponto de ser algo impossível de ignorar. Por algum tempo, -- isto é, durante a última semana, -- houve sinais que eu preferi deixar de lado e me recusar a pensar neles. Seu resplendor quando eu chego, seu desânimo quando eu saio, seu desejo de que eu deveria ir constantemente, a expressão em seus olhos, o tom da sua voz -- eu tentei pensar que tudo isso não significava nada, e era, talvez, apenas seu intenso jeito Indiano Ocidental. Mas na noite de ontem, assim que eu acordei do sono hipnótico, eu estendi minha mão, inconscientemente, involuntariamente, e apertei a dela. Quando eu retomei completamente a consciência, estávamos sentados com as mãos presas, ela olhando para mim com um sorriso esperançoso. E o pior foi que eu me senti impelido a dizer o que ela esperava que eu dissesse. Que mentiroso deplorável eu teria sido! Como eu me detestaria agora se eu tivesse cedido à tentação daquele momento! Mas, graças a Deus, eu fui forte o suficiente para me levantar e ligeiramente sair daquele quarto.

² Sociedade Inglesa dedicada à promoção da ciência e seus benefícios.

Eu temo ter sido rude, mas eu não poderia, não, EU NÃO PODERIA, me confiar mais um momento como aquele. Eu, um cavalheiro, um homem de honra, noivo de uma das moças mais doces na Inglaterra -- e mesmo que em um momento de paixão irracional, quase declarei amor por esta mulher que eu mal conheço. Ela é muito mais velha que eu e incapacitada. É algo monstruoso, hediondo; e além disso o impulso era tão forte que se eu tivesse permanecido um minuto a mais em sua presença, eu teria me comprometido. O que foi aquilo? Eu tenho que ensinar aos outros o funcionamento do nosso organismo, e o que eu sei sobre o meu próprio organismo? Foi o súbito afloramento de alguma camada inferior na minha natureza -- um instinto primitivo brutal se impondo? Eu poderia até mesmo acreditar em possessão por espíritos malignos, de tão avassalador que era o sentimento.

Bem, o incidente me coloca em uma posição bastante infeliz. Por um lado, eu estou relutante em abandonar uma série de experimentos que já foram tão longe, e que prometem resultados tão brilhantes. Por outro lado, se essa mulher lamentável desenvolveu uma paixão por mim -- certamente eu devo ter cometido algum erro terrível. Ela, com a sua idade e sua deformidade! É impossível. E ela sabia sobre Agatha. Ela entendeu qual era a minha posição. Talvez ela apenas sorriu por diversão quando em meu estado atordoado eu agarrei sua mão. Foi o meu cérebro semi-hipnotizado que deu um significado a isso, e agiu com uma rapidez brutal a fim de dar sentido àquilo. Eu queria poder me convencer de que foi realmente isso. Em geral, talvez, meu plano mais sábio seria adiar nossos outros experimentos até que Wilson retorne. Sendo assim, eu escrevi um bilhete para Srta. Penclosa sem me referir à noite passada, mas dizendo que toda a pressão do trabalho teria me forçado a interromper nossos encontros por alguns dias. Ela respondeu, formalmente, que se eu mudasse de ideia eu poderia encontrá-la em casa nas horas habituais.

10 P.M. Ora, ora, que homem fraco eu sou! Só agora eu estou me conhecendo melhor, e quanto mais eu me conheço mais eu caio no meu próprio conceito. Com certeza eu nunca fui tão fraco como agora. Às quatro horas da tarde eu sorriria se alguém tivesse me falado que eu deveria ir encontrar com Srta. Penclosa hoje à noite, e mesmo assim, as oito, eu estava na porta de Wilson como de costume. Eu não sei como isso aconteceu. Força do hábito, eu suponho. Talvez exista um alucinado por hipnose assim como existe um viciado em ópio, e eu sou vítima disso. Eu sei que quanto mais eu trabalhava na minha pesquisa eu me tornava mais e mais desconfortável. Eu estava inquieto. Preocupado. Eu não conseguia me concentrar nos papéis na minha frente. Até que, finalmente, quase antes que eu soubesse o que eu estava fazendo, eu coloquei meu chapéu e me apressei a fim de cumprir meu compromisso habitual.

Nós tivemos uma noite interessante. Sr. Wilson estava presente durante a maior parte do tempo, o que preveniu o constrangimento que pelo menos um de nós deve ter sentido. As atitudes de Srta. Penclosa eram praticamente as mesmas, como de costume, e, apesar do bilhete, ela não demonstrou surpresa com a minha vinda. Não havia nada em seu comportamento que mostrasse que o acontecimento de ontem teve qualquer impressão sobre ela, e por isso eu disposto a acreditar que eu o superestimei.

6 de abril (noite). Não, não, não, eu não superestimei o acontecido. Eu não posso mais tentar esconder que essa mulher concebeu uma paixão por mim. É algo monstruoso, mas é verdade. Mais uma vez, esta noite, eu acordei do transe hipnótico e encontrei minha mão na dela, e senti aquele sentimento hediondo o qual me faz querer abandonar minha honra, minha carreira, tudo, por causa dessa criatura que, como eu posso ver claramente quando estou longe da sua influência, não possui charme nenhum na face da terra. Mas quando eu estou perto dela, eu não sinto isso. Ela desperta algo em mim, algo maligno, algo sobre o qual eu prefiro não pensar. Ela paralisa minha melhor natureza, ao mesmo tempo em que estimula a minha pior. Claramente, não é bom para mim estar perto dela.

A noite passada foi pior que a anterior. Ao invés de partir eu na verdade permaneci sentado por um tempo com minha mão sobre a dela falando sobre os assuntos mais íntimos. Nós falamos sobre Agatha, entre outras coisas. Com o que eu poderia estar sonhando? Srta. Penclosa disse que ela era tradicional, e eu concordei com ela. Ela falou uma ou duas vezes dela de uma maneira depreciativa, eu não reclamei. Que criatura eu me tornei!

Eu tenho provado ser um fraco, mas eu ainda sou forte o suficiente para acabar com esse tipo de coisa. Isso não acontecerá novamente. Eu tenho consciência o suficiente para fugir quando eu não posso lutar. Desde domingo em diante eu nunca mais sentarei com Srta. Penclosa novamente. Nunca! Deixe os experimentos para lá, deixe a pesquisa chegar a um fim; qualquer coisa é melhor do que enfrentar essa tentação monstruosa que me deixa tão deprimido. Eu não disse nada para Srta. Penclosa, mas eu simplesmente permanecerei distante. Ela pode perceber a razão sem ouvir nenhuma palavra minha.

7 de abril. Permaneci longe como eu disse. É uma pena arruinar uma investigação tão interessante como essa, mas seria uma pena maior arruinar com a minha vida, e eu SEI que eu não posso confiar naquela mulher.

11 P.M. Deus me ajude! Qual o problema comigo? Estou ficando louco? Deixe-me tentar ficar calmo e raciocinar comigo mesmo. Primeiramente eu devo esclarecer exatamente o que aconteceu.

Eram quase oito quando escrevi as linhas com as quais o dia começou. Sentindo-me estranhamente inquieto e apreensivo, eu saí dos meus aposentos e gastei o fim de tarde caminhando com Agatha e sua mãe. Ambas notaram que eu estava pálido e abatido. Por volta das nove o Professor Pratt-Haldane chegou, e nós jogamos uíste³. Eu tentei fortemente me concentrar nas cartas, mas o sentimento de cansaço crescia cada vez mais até que percebi que era impossível lutar contra ele. Eu simplesmente NÃO CONSEGUIA permanecer sentado na mesa. Até que finalmente, no meio de uma jogada, eu joguei minhas cartas sobre a mesa e, com algum tipo de desculpa incoerente sobre ter um compromisso, saí da sala rapidamente. Como em um sonho eu tenho uma vaga lembrança de passar pela sala, tirar meu chapéu da chapeleira, e bater a porta ao sair. Como em um sonho, também, eu tenho a impressão de que as duas fileiras de lâmpadas a gás, e as minhas botas respingadas me dizem que eu devo ter corrido pela estrada. Foi algo obscuro, estranho e anormal. Eu fui até a casa de Wilson; vi Sra. Wilson e Srta. Penclosa. Eu quase não lembro a respeito do que nós conversamos, mas eu lembro que Srta. Penclosa balançou a ponta de sua bengala em minha direção de uma maneira lúdica, e me acusou de estar atrasado e perder o interesse em nossos experimentos. Não houve hipnose, mas eu fiquei por um tempo e só agora retornei.

Meu cérebro está bastante lúcido agora, então eu posso analisar o que aconteceu. É um absurdo supor que isso é apenas fraqueza e força do hábito. Eu tentei explicar isso dessa forma na noite passada, mas essa explicação não é suficiente. É algo bem mais profundo e trágico do que isso. Por que, quando eu estava na mesa de uíste com Marden, eu fui arrastado como se um laço tivesse sido jogado em volta de mim. Eu não posso mais esconder isso de mim mesmo. Aquela mulher tem controle sobre mim. Eu estou em suas garras. Mas eu preciso manter a cabeça erguida, raciocinar e ver qual o melhor a ser feito.

Mas que cego cretino eu me tornei! No meu entusiasmo pela minha pesquisa eu caminhei direto para o abismo, apesar do mesmo jazer escancarado diante de mim. Será que ela mesma não me avisou? Será que ela não me contou, como eu posso ler no meu próprio diário, que quando ela adquirisse poder sobre sua vítima ela poderia incitá-la a fazer a sua vontade? E ela adquiriu tal

³ Jogo de cartas de duas duplas, com parceiros frente a frente. É similar ao jogo de copas.

poder sobre mim. No momento eu estou às ordens dessa criatura de bengala. Eu devo vir quando ela desejar. Devo agir como ela bem entender. O pior de tudo, eu devo me sentir como ela quiser. Eu a detesto e a temo, contudo, enquanto eu estiver sobre seu feitiço, ela pode sem dúvida fazer com que eu a ame.

Nesse caso, existe um tipo de consolação nesse pensamento, visto que aqueles impulsos hediondos pelos quais eu me culpo na verdade de forma alguma partem de mim. Todos eles são transmitidos por ela, assim como eu poderia ter imaginado no momento. Eu me sinto mais puro e mais leve devido a esse pensamento.

8 de abril. Sim, agora, em plena luz do dia, escrevendo tranquilamente e com tempo para refletir, eu sou forçado a confirmar tudo que escrevi em meu diário na noite passada. Eu estou em uma situação terrível, mas, acima de tudo, eu não devo perder a cabeça. Eu preciso opor meu intelecto contra seus poderes. No final das contas, eu não sou um fantoche estúpido, a ponto de dançar na extremidade de uma corda. Eu tenho energia, cérebro, coragem. Mesmo com todos os seus truques demoníacos eu posso vencê-la. Posso! Eu DEVO, ou o que será de mim?

Deixe-me raciocinar! Esta mulher, de acordo com sua própria explicação, pode dominar meu sistema nervoso. Ela pode se projetar dentro do meu corpo e tomar o controle dele. Ela tem uma alma parasita; sim, ela é um parasita, um parasita monstruoso. Ela se arrasta para dentro do meu corpo assim como o caranguejo ermitão⁴ se aloja em uma concha. Eu estou impotente. O que eu posso fazer? Estou lidando com forças das quais eu não tenho conhecimento. E eu não posso contar meu problema a ninguém. Eles me tachariam como louco. Certamente, se isso se espalhasse, a universidade diria que eles não precisam de um professor endemoniado. E Agatha! Não, não, eu preciso enfrentar isso sozinho.

⁴ Tipo de caranguejo com abdômen mole e sem carapaça protetora, por isso costuma procurar conchas vazias e passar a usá-las como seu abrigo.



Eu leio novamente minhas anotações de quando essa mulher falava sobre seus poderes. Há um ponto que me enche de desânimo. Ela sugere que quando a influência é fraca a vítima sabe o que ela está fazendo, mas não consegue se controlar, enquanto quando ela é fortemente exercida a vítima está absolutamente inconsciente. Ora, eu sempre soube o que eu estava fazendo, embora que menos na noite passada do que em ocasiões anteriores. Parece-me que ela nunca exerceu completamente seus poderes sobre mim. Já existiu um homem tão posicionado assim antes?

Sim, talvez existiu, e além disso bem perto de mim. Charles Sadler deve saber algo sobre isso! Suas palavras vagas de alerta tomam um sentido agora. Oh, se eu tivesse pelo menos o ouvido naquele momento, antes de ajudar esses inúmeros encontros a forjarem os elos dessa corrente que me amarra! Mas eu o verei hoje. Eu me desculparei por ter tratado seu aviso de maneira tão leviana. Eu verei se ele pode me aconselhar.

4 P.M. Não, ele não pode. Eu conversei com ele, e ele mostrou uma certa surpresa nas primeiras palavras com as quais eu tentei expressar meu inexplicável segredo. Ao que eu pude apurar (mais por dicas e inferências do que por qualquer afirmação), sua experiência foi limitada a algumas palavras ou olhares assim como eu tenho enfrentado. O seu abandono por parte de Srta. Penclosa é por si mesmo um sinal de que ele nunca esteve de fato em seus planos. Oh, se ele soubesse do que ele escapou! Ele deve agradecer ao seu temperamento saxônico e indiferente. Eu sou negro e de origem celta, e o poder dessa bruxa é profundo nos meus nervos. Eu me livrarei disso algum dia? Eu irei ser o mesmo homem que eu era há duas semanas atrás?

Deixe-me pensar no melhor a se fazer. Eu não posso deixar a universidade no meio do período letivo. Se eu estivesse livre, meu rumo seria óbvio. Eu deveria agir imediatamente e viajar para a Pérsia. Mas ela me permitiria fazê-lo? Será que a sua influência não poderia me alcançar na Pérsia, e me trazer de volta com um toque do seu cajado? Eu só poderei descobrir os limites desse poder infernal por minha própria amarga experiência. Eu lutarei, lutarei e lutarei -- o que mais eu posso fazer?

Eu sei muito bem que por volta das oito horas de hoje à noite aquele desejo pela sua associação, aquela inquietude irresistível, agirá sobre mim. Como eu poderei superá-la? O que eu farei? Eu devo fazer com que seja impossível para mim sair de casa. Eu devo trancar a porta e jogar a chave pela janela. Mas, então, o que eu farei pela manhã? Deixa para lá. Eu devo quebrar essa corrente que me prende a qualquer custo.

9 de abril. Vitória! Eu agi esplendidamente! Às setes horas da noite de ontem eu jantei apressado, e então me tranquei em meu quarto e joguei a chave no jardim. Eu escolhi um romance intenso, e deitei na cama por três horas tentando o ler, mas na verdade estava em um estado de apreensão horrível, esperando que a qualquer instante eu deveria perceber o impulso. Contudo, nada do tipo aconteceu e eu acordei esta manhã com uma sensação de que um pesadelo maligno tivesse sido retirado de mim. Talvez a criatura percebeu o que eu havia feito, e entendeu que era inútil tentar me influenciar. De qualquer forma, eu a venci uma vez, e se eu posso fazer isso uma vez, eu posso fazer novamente.

Foi mais estranho pela manhã com a chave. Felizmente, havia um jardineiro lá embaixo, e eu o pedi que a jogasse para mim. Sem dúvida ele pensou que eu havia apenas a deixado cair. Eu irei parafusar portas e janelas e contratar seis homens fortes para me manter na minha cama antes que eu me renda a ser enfeitiçado desse jeito.

Eu recebi um bilhete da Sra. Marden esta tarde pedindo que eu fosse visitá-la. Eu pretendia ir de qualquer forma, mas não esperava encontrar más notícias esperando por mim. Parece que os

Armstrongs, de quem Agatha tem expectativas, devem voltar de Adelaide e estar em casa durante a Aurora, e que eles escreveram para Sra. Marden e para ela a fim de que os encontrassem na cidade. Elas provavelmente ficarão fora por um mês ou seis semanas, e, como espera-se que a Aurora seja na Quarta-feira, elas devem partir imediatamente amanhã, se estiverem prontas a tempo. Meu conforto é que quando nos encontrarmos novamente não haverá mais separação entre mim e Agatha.

"Eu quero que você faça uma coisa, Agatha", eu disse, quando nós estávamos a sós. "Se acontecer de você encontrar Srta. Penclosa, tanto aqui quanto na cidade, você deve me prometer que nunca mais permitirá que ela lhe hipnotize."

Agatha abriu seus olhos.

"Ora, um dia desses você estava dizendo como era tudo isso era interessante, e quão determinado você estava em terminar seus experimentos."

"Eu sei, mas eu mudei de ideia desde então."

"E você também não o fará mais?"

"Não."

"Fico feliz, Austin. Você não imagina o quão pálido e exausto você parece ultimamente. Essa era nossa principal objeção em ir a Londres agora que nós não queríamos te deixar num momento em que você estava tão cabisbaixo. E o seu comportamento tem sido tão estranho ocasionalmente -- especialmente naquela noite quando você deixou o pobre Professor Pratt-Haldane para agir brincar de marionete. Eu estou convencida de que esses experimentos são muito ruins para os seus nervos."

"Eu também acho, querida."

"E para os nervos de Srta. Penclosa também. Você ouviu que ela está doente?"

"Não."

"Sra. Wilson nos contou ontem à noite. Ela descreveu os sintomas como uma febre nervosa. Professor Wilson está voltando esta semana, e claro Sra. Wilson está bastante ansiosa para que Srta. Penclosa melhore até lá, visto que ele tem um programa inteiro de experimentos que ele está ansioso para realizar."

Eu estava feliz por ter a promessa de Agatha, pois era suficiente que essa mulher tivesse um de nós sob o seu controle. Por outro lado, eu estava incomodado em ouvir sobre a enfermidade de Srta. Penclosa. É algo que de certa forma diminui a vitória que eu pareci ter na noite passada. Eu lembro que ela disse que perda de saúde interferia em seus poderes. Esse pode ser um motivo pelo qual eu fui capaz de me conter tão facilmente. Ora, ora, eu preciso ter a mesma precaução hoje à noite e ver o que acontece. Eu fico extremamente assustado quando eu penso nela.

10 de abril. Tudo ocorreu perfeitamente bem na noite passada. Achei engraçado a expressão no rosto do jardineiro quando eu tive que chamá-lo esta manhã para pedir que me jogasse minha chave. Eu devo escolher um dos criados caso este tipo de coisa continue. Mas o ponto positivo é que eu permaneci no meu quarto sem a menor intenção de deixá-lo. Eu acredito que eu esteja me livrando deste vínculo incrível -- ou isso é apenas o poder daquela mulher que encontra-se suspenso até que ela recupere sua força? Eu não posso fazer nada além de rezar para o melhor.

Os Mardens partiram esta manhã, e o brilho parece ter desaparecido do nascer do sol da primavera. Mesmo assim ainda é muito bonito quando ele brilha sobre as castanhas verdes em frente a minha janela, e dá um toque de alegria às paredes maciças, cheias de líquen dos colégios antigos. Quão doce, gentil e suave é a natureza! Quem imaginaria que também existem tais forças abomináveis e possibilidades hediondas escondidas nela. Porque com certeza eu sei que essa coisa terrível que tem nasceu em mim não é nem sobrenatural nem mesmo preternatural. Não, é uma força natural que essa mulher pode usar e a sociedade não tem conhecimento da mesma. O simples fato de que isso consome a força dela mostra como isso é inteiramente um objeto de estudo para as leis da física. Se eu tivesse tempo, eu poderia investigá-la profundamente e ter em mãos um antídoto. Mas você não pode domesticar o tigre quando você está debaixo de suas garras. Não há nada a fazer além de tentar se arrastar para longe dele. Ah, quando eu me olho no espelho e vejo meus próprios olhos escuros e rosto hispânico nítido, eu anseio por um espirro agressivo ou um período com varíola. Um ou o outro poderia ter me salvado dessa calamidade.

Eu estou tentado a achar que eu posso ter problemas esta noite. Existem duas coisas que me fazem sentir assim. Uma é que eu encontrei Sra. Wilson na rua, e ela me contou que Srta. Penclosa está melhor, embora ainda esteja fraca. Eu desejava do fundo do coração que aquela enfermidade tivesse sido sua última. A outra é que Professor Wilson retorna dentro de um ou dois dias, e sua presença atuaria como uma restrição a ela. Eu não deveria temer nossos encontros se uma terceira pessoa estivesse presente. Por ambos motivos eu tenho um pressentimento de problemas esta noite, e por isso tomarei as mesmas precauções de antes.

1o de abril. Não, graças a Deus, tudo ocorreu bem na noite passada. Eu realmente não poderia encarar o jardineiro novamente. Eu tranquei minha porta e empurrei a chave por baixo dela, por isso eu tive que pedir para a empregada me deixar sair do quarto pela manhã. Mas de fato aquela precaução não era necessária, pois eu não tive nenhuma predisposição a sair. Três noites seguidas em casa! Certamente eu estou próximo ao fim dos meus problemas, pois Wilson estará em casa novamente hoje ou amanhã. Será que devo contar a ele pelo que eu tenho passado ou não? Eu estou convencido de que eu não terei a menor compreensão da parte dele. Ele olharia para mim como um caso interessante, e leria um artigo sobre mim no próximo encontro da Sociedade de Psiquiatria, na qual ele iria discutir seriamente a possibilidade de eu ser um mentiroso deliberado, e avaliar isto em função das chances de eu estar em um estágio de loucura precoce. Não, eu não obterei conforto da parte de Wilson.

Estou me sentindo maravilhosamente bem e saudável. Eu acho que eu nunca lecionei com um temperamento melhor que este. Oh, como eu seria feliz se eu pudesse pelo menos tirar essa sombra da minha vida! Jovem, consideravelmente saudável, no principal posto da minha profissão, noivo de uma linda e charmosa mulher -- eu tenho tudo que um homem poderia querer, não tenho? Há apenas uma coisa que me incomoda, mas que coisa!

Meia-noite. Eu vou ficar louco. Sim, esse será o fim de tudo. Eu ficarei louco. Eu não estou longe disso. Minha cabeça começa a vibrar quando eu a repouso sobre minha mão quente. Estou me tremendo todo como um cavalo apavorado. Oh, que noite eu tive! E ainda assim eu também tenho alguns objetivos a serem satisfeitos.

Correndo o risco de me tornar o motivo de chacota da minha própria empregada, eu joguei a chave por baixo da porta novamente, aprisionando-me durante a noite. Logo, achando que era muito cedo para dormir, eu me deitei ainda vestido e comecei a ler um dos romances de Dumas. Repentinamente eu fui agarrado -- agarrado e puxado do sofá. Esse é o único jeito que consigo descrever a natureza avassaladora da força que se lançou sobre mim. Eu me agarrei à colcha. Agarrei-me ao suporte de madeira. Eu acredito que gritei de tanta agitação. Tudo aquilo foi inútil e desesperado. Eu PRECISAVA ir. Não tinha como evitar. Foi apenas no início que eu resisti. A força rapidamente se tornou muito dominante. Agradeço a Deus por não haver ninguém para me

observar e intervir. Eu não poderia ter respondido por mim mesmo se houvesse. E além da determinação em sair, também me vieram as ideias mais perspicazes e interessantes em escolher meus meios. Eu acendi uma vela e me esforcei, ajoelhando na frente da porta, para puxar a chave com a ponta de uma caneta bico de pena. A caneta era muito pequena e só fez com que a chave se afastasse ainda mais. Então, com muita persistência eu peguei um estilete de uma das gavetas, e com isso eu consegui puxar a chave de volta. Abri a porta, entrei no meu escritório, peguei uma fotografia minha e escrevi algo no verso dela; coloquei-a dentro do bolso da minha jaqueta, e então fui em direção a casa de Wilson.

Tudo estava maravilhosamente claro, e ainda dissociado do resto da minha vida, como os acontecimentos até mesmo do sono mais vívido poderiam ser. Uma dupla consciência peculiar tomou conta de mim. Havia uma vontade predominantemente alheia, a qual estava inclinada a me levar para o lado do seu dono, e havia uma fraca personalidade que protestava, a qual reconheci como sendo minha, puxando-me vigorosamente para longe daquele impulso dominante como quando um terrier domado luta contra sua corrente. Eu consigo lembrar dessas duas forças conflitantes, mas eu não lembro nada a respeito da minha caminhada, nem de como eu fui recebido na casa.

Contudo, minha lembrança de como encontrei Srta. Penclosa é bem vívida. Ela estava repousando no sofá do pequeno compartimento onde geralmente nossos experimentos eram realizados. Sua cabeça estava apoiada em sua mão, e uma manta de pele de tigre tinha sido parcialmente colocado sobre ela. Ela olhou com uma certa ansiedade quando eu entrei, e, no momento em que a luz da lâmpada caiu sobre o seu rosto, eu pude ver que ela estava bastante pálida e magra, com marcas escuras embaixo dos olhos. Ela sorriu para mim, e apontou para um banco ao seu lado. Ela apontou com sua mão esquerda, e eu, correndo avidamente em sua direção, agarrei sua mão, -- eu me odeio quando eu penso nisso, -- e passei-a ardentemente nos meus lábios. Até que, me sentando no banco, e ainda segurando sua mão. Dei a ela a fotografia que eu havia levado comido, e falamos, falamos e falamos -- do meu amor por ela, do meu sofrimento por sua doença, da minha alegria pela sua recuperação, da infelicidade que era pra mim ter que me ausentar do seu lado uma única noite sequer. Ela se deita silenciosamente olhando para mim com um olhar soberbo e seu sorriso provocante. Lembro-me que uma vez ela passou a mão sobre meu cabelo como quando alguém acaricia um cachorro; e aquilo me deu prazer -- a carícia. Eu estremei com aquilo. Eu era seu escravo, corpo e alma, e por um momento eu me regoziquei com a minha escravidão.

E então veio a mudança abençoada. Nunca me diga que não existe uma Providência! Eu estava na beira da perdição. Meus pés estavam na borda. Será que foi uma coincidência ter surgido uma ajuda no último instante? Não, não, não; existe uma Providência, e a sua mão me puxou para trás. Existe algo no universo que se mostra mais forte do que essa mulher diabólica com seus truques. Ah, que conforto pro meu coração é pensar assim!

Assim que olhei para ela eu percebi que houve uma mudança. Seu rosto, o qual estava pálido anteriormente, agora estava horripilante. Seus olhos estavam opacos, e as pálpebras se inclinaram fortemente sobre eles. Sobretudo, o aspecto de confiança serena sumiu dos seus traços. Sua boca tinha enfraquecido. Sua testa havia enrugado. Ela estava assustada e indecisa. E ao passo em que eu assistia a mudança meu próprio espírito se levantou e lutou, esforçando-se para se separar das garras que o segurava -- garras que, de instante em instante, ficava cada vez menos firme.

"Austin", ela sussurrou, "Eu tentei fazer o máximo que pude. Eu não fui forte o suficiente. Eu ainda não me recuperei da minha doença. Mas eu não poderia mais viver sem ver você. Você não vai me deixar, Austin? Esta é apenas uma fraqueza passageira. Se você me desse pelo menos cinco minutos, eu serei eu mesma novamente. Dê-me aquela pequena garrafa da mesa próxima à janela."

Mas eu havia recuperado minha alma. Com sua força em declínio aquela influência havia saído de mim e me deixou livre. E eu fui rude -- amargamente, ferozmente rude. Por uma vez, pelo menos, eu pude fazer essa mulher entender quais eram meus reais sentimentos por ela. Minha alma se encheu com um ódio tão feroz quanto o amor contra o qual era aquela reação. Foi a paixão selvagem e assassina do servo revoltado. Eu poderia ter tomado a bengala que estava do seu lado e agredido seu rosto com ela. Ela jogou suas mãos pra cima, como se fosse evitar um golpe, e se escondeu de mim no canto do sofá.

"O conhaque!" ela engasgou. "O conhaque!"

Eu peguei a garrafa e a derramei nas raízes de uma planta próxima à janela. Então eu tomei a fotografia das suas mãos e rasguei-a em centenas de pedaços.

"Sua mulher infame," eu disse, "se eu cumprisse meu dever com a sociedade, você nunca deixaria este quarto viva!"

"Eu te amo, Austin; eu te amo!" ela exclamou.

"Sim," eu gritei, "e Charles Sadler antes. E quantos outros mais antes disso?"

"Charles Sadler!" ela engasgou. "Ele falou com você? Ora, Charles Sadler, Charles Sadler!" Sua voz saiu dos seus lábios brancos como o silvo de uma cobra.

"Sim, eu conheço você, e outros irão conhecer você também. Sua criatura descarada! Você sabia qual era a minha situação. E mesmo assim você usou seu poder desprezível para me trazer para seu lado. Talvez você o faça novamente, mas pelo menos você vai lembrar que me ouviu dizer que eu amo Srta. Marden do fundo da minha alma, e que eu lhe abomino, lhe detesto!"

O simples ato de olhar para você e ouvir o som da sua voz me enche de repúdio e nojo. Pensar em você é repugnante. É assim que me sinto em relação a você, e se você tentar me trazer para o seu lado novamente com seus truques como fez essa noite, você terá pelo menos, acredito eu, um pouco de satisfação em tentar criar um amante a partir de um homem que lhe falou a sua verdadeira opinião sobre você. Você pode colocar as palavras que você quiser na minha boca, mas você não pode evitar lembrar disso---

Eu parei, pois a sua cabeça havia caído para trás e ela desmaiou. Ela não suportou ouvir o que eu tinha para dizer a ela! Que esplendor de satisfação me dá pensar que, aconteça o que acontecer, no futuro ela nunca poderá interpretar mal meus verdadeiros sentimentos por ela. Mas o que ocorrerá no futuro? O que ela fará agora? Eu prefiro não pensar a respeito. Oh, se eu pudesse ao menos esperar que ela me deixará em paz! mas quando eu penso no que eu disse a ela --- deixa para lá; pelo menos uma vez eu fui mais forte que ela.

11 de abril. Eu quase não dormi na noite passada, e acordei tão debilitado e febril esta manhã que eu fui forçado a pedir que Pratt-Haldane lecionasse em meu lugar. É a primeira aula que eu já perdi. Eu levantei ao meio-dia, mas minha cabeça está doendo, minhas mãos estão trêmulas, e meus nervos em um estado lamentável.

Quem deveria mudar de opinião além de Wilson. Ele acaba de voltar de Londres, onde ele lecionou, leu artigos, organizou reuniões, expôs um médium, conduziu uma série de experimentos em transferência de pensamento, entreteve Professor Richet de Paris, passou horas encarando uma bola de cristal, e obteve algumas evidências como a passagem de matéria através de matéria. Tudo isso ele despejou nos meus ouvidos de uma vez só.

"Mas você!" ele enfim exclamou. "Você não parece estar bem. E Srta. Penclosa está muito debilitada hoje. E quando aos experimentos?"

"Eu os abandonei."

"Tsc, tsc! Por quê?"

"O caso para mim parece ser muito perigoso."

Logo ele sacou seu grande caderno de anotações marrom.

"Isto é algo de grande interesse", ele disse. "Quais são seus motivos para dizer que o mesmo é perigoso? Por favor, conte me os fatos em ordem cronológica, com datas aproximadas e nomes de testemunhas confiáveis com seus endereços permanentes."

"Primeiramente," eu perguntei, "você me contaria se você lembrasse de algum caso no qual o hipnotista adquiriu controle sobre sua vítima e o usou para fins malignos?"

"Dúzias!" ele gritou exultante. "Crime por sugestão..."

"Eu não me refiro a sugestão. Eu quero dizer quando um impulso repentino vem de uma pessoa a distância -- um impulso incontrolável."

"Obsessão!", ele exclamou em êxtase. "É a condição mais rara. Nós temos oito casos, cinco bem comprovados. Você não quer dizer que..." Sua exaltação mal o deixou articular.

"Não, não foi o que quis dizer", eu disse. "Boa noite! Perdoe-me mas eu não estou muito bem hoje." E então finalmente eu me liberei dele, ainda segurando seu lápis e seu caderno. Talvez seja ruim ouvir meus problemas, mas pelo menos é melhor guardá-los para mim do que ser exibido por Wilson, como uma aberração em uma feira⁵. Ele esqueceu completamente dos seres humanos. Tudo para ele é um caso e um fenômeno. Eu morrerei antes de falar com ele novamente sobre o assunto.

12 de abril. Ontem foi um dia agraciado de tranquilidade, e eu desfrutei de uma noite sem interrupções. A presença de Wilson é um ótimo conforto. O que aquela mulher pode fazer agora? Certamente, quando ela ouviu tudo aquilo que disse para ela, ela desenvolverá por mim o mesmo desgosto que eu tenho por ela. Ela não poderia, não, ela NÃO PODERIA, desejar ter um amante que a insultou daquele jeito. Não, eu acredito estar livre do seu amor -- mas e quanto ao seu ódio? Será que ela não usaria esses seus poderes para se vingar? Tsc! Por que eu deveria me assustar com essas incertezas? Ela me esquecerá, e eu a esquecerei, e tudo ficará bem.

13 de abril. Meus nervos já recuperaram sua harmonia. Eu realmente acredito que eu venci aquela criatura. Mas eu tenho que confessar que estou vivendo em algum tipo de suspense. Ela está bem novamente, pois ouvi que ela estava dirigindo com Sra. Wilson na Hight Street esta tarde.

14 de abril. Eu desejo fortemente sair de vez desse lugar. Eu viajarei para ficar ao lado de Agatha exatamente no dia em que o período letivo acabar. Eu suponho que essa é lamentavelmente uma fraqueza da minha parte, mas essa mulher mexe com meus nervos de uma maneira terrível. EU a vi novamente, e falei com ela.

Foi logo após o almoço, eu estava fumando um cigarro no meu escritório, quando ouvi o passo do

⁵ Expressão idiomática do inglês: "Like a freak at a fair", significando ser exposto ao ridículo em determinada situação ou contexto.

meu empregado Murray no corredor. Eu estava consciente de ter ouvido um segundo passo logo depois, mas estava indiferente quanto aquilo e não me preocupei em especular quem poderia ser, quando de repente um barulho de leve fez com que eu me levantasse da minha poltrona enquanto minha pele arrepiava de apreensão. Eu nunca tinha particularmente observado qual era o tipo de som do toque de uma bengala, mas meus nervos trêmulos me diziam que agora eu o havia ouvido com aquele barulho de toque na madeira polida o qual alternava com o som abafado dos passos. Logo depois meu empregado a apresentou na sala.

Eu não expressei nenhuma das convenções sociais de costume, nem ela também. Eu simplesmente levantei com o cigarro aceso em minha mão, e a encarei. Ela por sua vez olhou para mim calada, e com seu olhar eu lembrei de como nessas mesmas páginas eu tenho tentado definir a expressão em seus olhos, se eles eram furtivos ou ferozes. Hoje eles pareciam estar insensível e inexoravelmente ferozes.

"Bem," ela finalmente disse, "você ainda está com o mesmo espírito de quando eu lhe vi pela última vez?"

"Eu sempre estive com o mesmo espírito."

"Permita-nos entender um ao outro, Professor Gilroy," ela disse lentamente. "Eu não sou uma pessoa muito confiável para se brincar, como você já deve ter percebido. Foi você quem me pediu para participar de uma série de experimentos com você, foi você quem ganhou meu afeto, foi você quem proclamou seu amor por mim, foi você quem me trouxe sua própria fotografia com palavras carinhosas escritas nela, e, por fim, foi você quem na mesma noite achou apropriado me insultar da maneira mais escandalosa, referindo-se a mim como nenhum homem jamais falou. Diga-me que aquelas palavras saíram de você em um momento de entusiasmo pois eu estou preparada para esquecer e perdoá-las. Você não quis dizer aquilo, Austin? Na verdade você não me odeia, certo?"

Eu poderia ter pena dessa mulher incapacitada -- de tão súbito que foi o surgimento de um anseio por amor em seus olhos. Mas então eu pensei em tudo eu havia passado, e meu coração endureceu como pedra.

"Se você alguma vez já me ouviu falar de amor," eu disse, "você sabe muito bem que foi a sua voz que falou, e não a minha. As únicas palavras verdadeiras que eu já fui capaz de falar para você foram aquelas que você ouviu na última vez que nos encontramos."

"Eu sei. Alguém lhe colocou contra mim. Foi ele!" Ela bateu com sua bengala sobre o chão. "Bem, você sabe muito bem que eu poderia lhe trazer aos meus pés neste exato momento agachando-se como um spaniel⁶. Você não me encontrará novamente em meus momentos de fraqueza, quando você pode me insultar e sair impune. Tenha cuidado com o que está fazendo, Professor Gilroy. Você está em uma péssima situação. Você ainda não percebeu o poder que eu tenho sobre você."

Eu sacudi os ombros e me virei.

"Bem", ela disse, depois de uma pausa, "se você despreza o meu amor, eu posso ver o que o medo pode fazer. Você sorri, mas chegará o dia em que você virá até mim gritando por perdão. Sim, você rastejará no chão diante de mim, soberbo como é, e amaldiçoará o dia em que me transformou de sua melhor amiga em sua mais amarga inimiga. Tenha cuidado, Professor Gilroy!" Eu vi uma mão branca mexendo-se pelo ar, e um rosto que mal parecia humano, de tão vibrante que era a sua paixão. Um instante depois ela se foi, e pude ouvir as batidas no chão e o

⁶ Raça de cachorros identificados como cães de caça, com peso sedoso e orelhas longas.

caminhado rápido e sem firmeza ao passar pelo corredor.

Mas ela deixou um peso sobre meu coração. Pressentimentos obscuros de que fatalidades estão a caminho jazem sobre mim agora. Em vão eu tento me convencer de que estas são apenas palavras de ódio sem sentido. Porém eu consigo lembrar daqueles olhos implacáveis muito claramente para pensar dessa maneira. O que eu farei -- ah, o que eu farei? Eu não sou mais o dono da minha própria alma. A qualquer momento esse parasita repugnante pode se rastejar para dentro de mim, e então --- eu devo contar a alguém o meu segredo medonho -- eu devo contá-lo ou ficarei louco. Se eu tivesse alguém que se compadecesse e me aconselhasse! Wilson está fora de cogitação. Charles Sadler iria me entender apenas até onde a sua própria experiência o permite. Pratt-Haldane! Ele é um homem bem equilibrado, um homem com enorme bom senso e propriedade. Eu falarei com ele. Eu contarei tudo a ele. Que Deus permita que ele seja capaz de me ajudar!

IV

6:45 P.M. Não, isso é inútil. Não há nenhum ser humano que possa me ajudar; eu preciso lutar contra isso sozinho. Dois caminhos se estendem diante de mim. Eu posso me tornar o amante dessa mulher. Ou eu preciso suportar as suas perseguições. Mesmo se nada acontecer, eu viverei em um inferno de apreensão. Mas talvez ela possa me torturar, me deixar louco, ou até mesmo me matar: eu nunca, nunca, nunca me renderei. Ela não pode me causar nada pior do que perder Agatha, e saber que eu sou um mentiroso, e comprometido o título de cavalheiro.

Pratt-Haldane foi mais paciente, e ouviu com educação à minha história. Mas quando eu percebi uma série de traços fortes nele, seus olhos baixos e os móveis enormes e pesados que o cercavam, eu dificilmente contaria a ele o que tinha a dizer. Era tudo tão substancial, tão significativo. E, além disso, o que eu teria dito se há menos de um mês atrás algum dos meus colegas tivesse vindo até mim com uma história de possessão demoníaca? Talvez. Eu deveria ter sido menos paciente do que ele foi. Sendo assim, ele anotou minhas declarações, perguntou-me quanto de chá eu havia tomado, quantas horas eu dormi, se eu havia trabalhado demais, sentido dores de cabeça repentinas, sonhos malignos, zumbidos no ouvido, clarões diante dos olhos -- todas as questões indicavam que ele acreditava que uma congestão cerebral seria a raiz dos meus problemas. Finalmente ele me dispensou com vários clichês sobre exercícios ao ar livre, e prevenção do nervosismo. Eu amassei a sua receita e joguei-a no lixo, a qual prescrevia o uso de cloral e brometo.

Não, eu não posso procurar a ajuda de nenhum ser humano. Seu eu procurar mais alguém, eles podem se unir e me colocar em um asilo. Eu não posso fazer nada além de me agarrar firmemente à minha coragem, e rezar para que um homem honesto não seja abandonado.

10 de abril. Esta é a primavera mais doce de todos os tempos. Tão verde, tão suave, tão linda. Ah, que belo contraste entre a natureza e minha própria alma tão devastada pela dúvida e pelo medo! Hoje tem sido um dia rotineiro, mas eu sei que estou à beira de um abismo. Eu sei disso, mas mesmo assim eu continuo com a rotina da minha vida. O único ponto positivo é que Agatha está feliz e saudável e bem longe de todo esse perigo. Se essa criatura tivesse suas mãos em cada um de nós, o que ela não poderia fazer?

16 de abril. Aquela mulher não é ingênua em seus tormentos. Ela sabe o quão apaixonado eu sou pelo meu trabalho, e o quão importantes minhas aulas são consideradas. Sendo assim é deste ponto que ela está me atacando. Eu posso imaginar que isso acabará fazendo com que eu perca meu título de professor, mas eu lutarei até o fim. Ela não irá tirar isso de mim sem ter que lutar.

Eu não havia percebido nenhuma mudança durante minha aula esta manhã, exceto que por um minuto ou dois eu senti uma tontura e vertigem que rapidamente passaram. Pelo contrário, eu me felicitei em ter tornado o assunto (a função dos glóbulos vermelhos) tanto interessante quanto claro. Portanto, eu fiquei surpreso quando um aluno veio ao meu laboratório imediatamente depois da aula, e reclamou sobre estar confuso pela discrepância entre minhas afirmações e as do livro. Ele me mostrou seu caderno, no qual havia um relato de que em um certo ponto da aula eu havia defendido a heresia mais ultrajante e não científica. Obviamente eu neguei aquilo, e afirmei que ele havia me interpretado mal, mas ao comparar as suas anotações com as dos seus colegas de classe, estava claro que ele estava certo, que eu realmente havia proferido algumas afirmações absurdas. Certamente eu explicarei o acontecido como sendo resultado de um momento de anormalidade, mas eu sinto que certamente este será o primeiro de uma série. Agora falta cerca de um mês para o fim do período, e eu rezo para que seja capaz de aguentar até lá.

26 de abril. Dez dias se passaram desde que eu tive a satisfação de escrever no meu diário. Por

que eu deveria registrar minha própria humilhação e desgraça? Eu prometi nunca abri-lo novamente. Mesmo assim a força do hábito é forte, e aqui eu me encontro acrescentando mais um registro das minhas próprias experiências abomináveis -- com o mesmo espírito com o qual um suicida se tornou conhecido por tomar nota dos efeitos do veneno que o matou.

Bem, ontem o desastre que eu havia previsto aconteceu. A autoridades da universidade tiraram de mim a permissão para lecionar. Tudo foi feito da maneira mais delicada possível, com a pretensão de ser uma medida temporária para me libertar dos efeitos do excesso de trabalho, e me proporcionar a oportunidade de recuperar minha saúde. No entanto, isso aconteceu, eu não sou mais o Professor Gilroy. O laboratório ainda está sob meu poder mas eu não duvido de que eu também o perderei em breve.

O fato é que minhas aulas se tornaram o motivo de chacota na universidade. Minha aula estava lotada de estudantes que vinham ver e ouvir o que o professor excêntrico diria ou faria em seguida. Eu não posso entrar em detalhes da minha humilhação. Oh, aquela mulher diabólica! Não existe um nível de bufonaria ou imbecilidade que ela ainda não tenha me submetido. Eu começaria minha aula de maneira clara e agradável, mas sempre com a sensação de que um eclipse estava por vir. Então assim que eu sentisse alguma influência eu lutaria contra ela, esforçando-me com as mãos apertadas e gotas de suor sobre minha sobrelanceira para que pudesse dar o melhor de mim, enquanto os estudantes, ouvindo minhas palavras incoerentes e assistindo minhas contorções, iriam urrar gargalhadas devido às artimanhas do seu professor. E enfim, quando ela tivesse controle total sobre mim, viriam as coisas mais ultrajantes -- piadas absurdas, sentimentos como se eu estivesse propondo um brinde, trechos de músicas, abusos pessoais até mesmo contra alguns membros da minha aula. E então em um momento meu cérebro iria se desobstruir novamente, e minha aula continuaria decorosamente até o fim. Sem dúvida minha conduta tem sido a conversa da universidade. Sem dúvida que o Senado Acadêmico tem sido compelido a observar oficialmente tal escândalo. Oh, aquela mulher diabólica!

E a parte mais terrível disso tudo é a minha própria solidão. Cá estou sentado em uma janela inglesa comum, olhando para uma rua inglesa comum com seus ônibus extravagantes e seu policial ocioso, e atrás de mim ergue-se uma sombra que não condiz com a época e lugar. No campo científico eu estou sobrecarregado e atormentado por um poder do qual a ciência não tem conhecimento algum. Nenhum magistrado iria me ouvir. Nenhum artigo discutiria meu caso. Nenhum doutor acreditaria nos meus sintomas. Até mesmo meus amigos mais próximos iriam ver isso simplesmente como uma disfunção cerebral. Eu não posso confiar em nenhum ser humano. Oh, aquela mulher diabólica! Espero que ela tome cuidado! Ela pode me pressionar ainda mais. Quando a lei não pode ajudar o homem, ele pode criar uma lei para si mesmo.

Ela me encontrou na High Street ontem à noite e falou comigo. Talvez foi bom tanto para mim quando para ela, que não tenhamos nos encontrado entre os arbustos de uma estrada abandonada. Ela me perguntou com seu sorriso frio se eu já havia me arrependido. Eu nem sequer a respondi. "Nós deveríamos tentar dar mais uma apertada no parafuso⁷", ela disse. Tome cuidado minha senhora, tome cuidado! Eu a tive uma vez à minha mercê. Talvez possa surgir outra oportunidade.

28 de abril. A suspensão da minha licença para lecionar também resultou em uma maneira de eliminar seus meios de me aborrecer, e assim eu pude desfrutar de dois dias abençoadas de paz. No final das contas, não há motivo para desespero. Eu me encho de simpatia cada vez mais, e todo mundo concorda que é a minha devoção à ciência e a natureza árdua das minhas pesquisas que tem abalado meu sistema nervoso. Eu recebi uma mensagem bem simpática do conselho recomendando que eu viajasse ao exterior e expressando a esperança de que eu possa ser

⁷ Expressão idiomática do inglês "Another turn of the screw", significando tornar uma situação mais complicada, especialmente a fim de forçar alguém a fazer algo.

capaz de retomar todas as minhas tarefas até o início do verão. Nada poderia ser mais animador do que as suas considerações à minha carreira e aos meus serviços prestados à universidade. É apenas na desventura que alguém pode testar a popularidade do outro. Essa criatura pode se cansar de me atormentar, e então tudo pode voltar ao normal. Que Deus me conceda isso!

29 de abril. Nossa pacata cidade sentiu uma pequena agitação. O único conhecimento de crime que nós sempre temos é quando um universitário bagunceiro quebra algumas lâmpadas ou chega a entrar em choque com um oficial de polícia. Contudo, na noite passada houve uma tentativa de arrombamento de uma filia do Banco da Inglaterra, e em consequência todos nós estamos abatidos.

Parkenson, o gerente, é meu amigo íntimo, e eu o encontrei muito nervoso quando eu passei por lá depois do café da manhã. Se os ladrões tivessem entrado na sala de contabilidade [nota], eles ainda teriam que lidar com os cofres, então a defesa era consideravelmente mais forte do que o ataque. De fato, o ataque nunca pareceu ser algo tão formidável. Duas das janelas inferiores apresentam marcas como se um talhador ou algum instrumento do tipo tenha sido colocado debaixo delas a fim de forçar que elas se abrissem. A polícia tinha uma ótima pista, pois a madeira tinha sido pintada com tinta verde exatamente no dia anterior, e pelas manchas é evidente que alguma delas pode ter manchado as mãos ou roupas do criminoso.

4:30 P.M. Ah, aquela mulher amaldiçoada! Aquela mulher maldita! Deixa para lá! Ela não me derrotará! Não, ela não irá! Mas, oh, aquela diaba! Ela tomou minha cadeira universitária. Agora ela iria tomar minha honra. Será que não existe nada que eu possa fazer contra ela, nada exceto... Ah, mas, por mais que eu seja forçado a isso, eu não posso me permitir pensar nisso!

Cerca de uma hora atrás eu entrei no meu quarto, estava penteando meus cabelos diante do espelho, quando de repente meus olhos enxergaram algo que me deixou tão doentio e gélido que eu sentei na beira da cama e comecei a chorar. Faz muitos anos desde que eu derramei lágrimas, mas toda a minha coragem tinha desaparecido, e eu não conseguia fazer mais nada além de soluçar e soluçar de tanta dor e raiva. Aquilo era o meu casaco, o qual eu costumava usar depois do jantar, pendurado no guarda-roupa com um prendedor, com sua manga direita preenchida fortemente por uma crosta que ia do punho até o cotovelo com manchas de tinta verde.

Então foi isso o que ela quis dizer quando sugeriu apertar mais o parafuso! Ela havia me tornado um imbecil em público. Agora ela iria me marcar como um criminoso. Desta vez ela falhou. Mas e quando a próxima vez? Eu prefiro não pensar nisso e em Agatha e em minha pobre e velha mãe! Eu queria que eu estivesse morto!

Sim, esta é a outra volta no parafuso. E isto é também o que ela quis dizer, quando afirmou que eu ainda não tinha percebido o poder que ela tem sobre mim. Eu olho novamente as conversas que tive com ela, e eu vejo que ela declarou que com um leve esforço da sua vontade sua vítima estaria consciente, e com um forte esforço a mesma estaria inconsciente. Na noite passada eu estava inconsciente. Eu poderia ter jurado que eu dormi tranquilamente na minha cama sem ter sequer sonhado. E mesmo assim aquelas marcas me dizem que eu me vesti, saí, tentei abrir as janelas do banco, e retornei. Será que fui observado? É possível que alguém tenha me visto e me seguido até em casa? Ah, que inferno me vida se tornou! Eu não tenho paz, nem descanso. Mas a minha paciência está quase se esgotando.

10 P.M. Eu limpei meu casaco com aguarrás. Eu não acho que alguém tenha me visto. Foi com a minha chave de fenda que eu fiz as marcas. Eu a encontrei completamente encrostada com tinta verde, e a limpei. Minha cabeça está doendo como se fosse explodir, e eu tomei cinco gramas de antipirina. Se não fosse por Agatha, eu teria tomado cinquenta e acabado com tudo isso.

3 de maio. Três dias calmos. Esse demônio infernal é como um gato com um rato. Ela me deixa

livre apenas para me agarrar novamente. Eu nunca me sinto tão ameaçado como quando tudo está quieto. Meu estado físico é deplorável -- soluços constantes e ptose da pálpebra esquerda.

Eu ouvi dizer que os Mardens estarão de volta depois de amanhã. Eu não sei se eu estou contente ou triste. Eles estavam salvos em Londres. Uma vez que aqui eles podem ser arrastados para essa rede miserável na qual eu estou lutando. E eu preciso contar a eles sobre isso. Eu não posso me casar com Agatha enquanto eu não for responsável pelas minhas próprias ações. Sim, eu preciso contar a eles, mesmo que isso leve ao fim do nosso relacionamento.

Esta noite é o baile da universidade, e eu preciso ir. Deus sabe que eu nunca me senti no clima para festividades, mas eu não posso deixar que digam que eu estou incapacitado de aparecer em público. Se eu for visto por lá, e conversar com um dos superiores da universidade, isso contribuirá imensamente para que eles percebam que seria injusto tomar meu cargo.

10 P.M. Eu fui ao baile. Charles Sadler e eu fomos juntos, mas eu voltei antes dele. Contudo, eu o esperarei acordado, pois, de fato, eu tenho sentido medo de dormir essas noites. Ele é um companheiro agradável e realista; uma conversa com ele acalmaria meus nervos. De modo geral, a noite foi um sucesso. Eu falei com todos que eram influentes, e eu acho que fiz eles perceberem que meu cargo ainda não está vago. A criatura estava no baile -- incapaz de dançar, claro, mas sentada com Sra. Wilson. Por vezes seus olhos repousavam sobre mim. Eles foram praticamente as últimas coisas que vi antes de sair do salão. Por um momento, assim que eu sentei ao seu lado, eu a observei e vi que ela estava seguindo alguém com seu olhar. Esse alguém era Sadler, que no momento estava dançando com a segunda Srta. Thurston. Julgando pela sua expressão, foi bom ele não estar sob o comando dela como eu estou. Ele não sabe do que escapou. Eu acho que ouço seus passos pela rua agora, então eu irei até lá embaixo e o deixarei entrar. Se ele desejar...

4 de maio. Por que eu interrompi o que estava fazendo na noite passada? Afinal, eu não fui ao andar de baixo, pelo menos eu não tenho lembranças de ter ido. Mas, por outro lado, eu não consigo lembrar de ter ido para a cama. Uma das minhas mãos amanheceu extremamente inchada, e mesmo assim eu não lembro de tê-la machucado ontem. Apesar disso, eu estou me sentindo bem pela festividade na noite passada. Mas eu não consigo entender como eu não encontrei Charles Sadler quando eu de fato pretendia encontrá-lo. Talvez...oh Deus, é bem provável! Será que ela me está me conduzindo em alguma dança diabólica novamente? Eu irei encontrar Sadler e o perguntarei.

Meio-dia. Tudo isso chegou a uma crise. Minha vida não vale mais a pena. Mas, se eu tiver que morrer, então ela deverá partir também. Eu não a deixarei para trás, para que ela deixe outro homem louco como ela fez comigo. Não, minha paciência chegou ao limite. Ela me tornou o homem mais desesperado e perigoso que caminha sobre a terra. Deus sabe que eu nunca tive a coragem de ferir uma mosca, e mesmo assim, se eu pusesse minhas mãos agora sobre aquela mulher, ela nunca sairia desse quarto viva. Eu a encontrarei um dia, e então ela aprenderá o que ela deve esperar de mim.

Eu fui falar com Sadler e, para minha surpresa, o encontrei de cama. Assim que eu entrei ele sentou e virou seu rosto em minha direção, o que me deixou doente assim que eu o olhei.

"Por que, Sadler, o que aconteceu?" Eu gritei, mas meu coração esfriou assim que eu o disse.

"Gilroy", ele respondeu, sussurrando com seus lábios inchados, "por algumas semanas eu tive a impressão de que é um homem louco. Agora eu tenho certeza, e além disso você é um homem perigoso. Se não fosse pelo fato de não estar disposto a fazer um escândalo pela universidade, você estaria agora nas mãos da polícia."

"Você quer dizer..." eu gritei.

"Eu quero dizer que assim que eu abri a porta na noite passada você avançou sobre mim, me atingiu no rosto com ambos os punhos, me derrubou, chutou minhas costas furiosamente e me deixou jogado quase inconsciente na rua. Olhe para sua própria mão testemunhando contra você."

Sim, lá estava, inchado, com articulações esponjosas, como depois de um ataque terrível. O que eu poderia fazer? Apesar de ele ter me rotulado como um louco, eu preciso contar tudo a ele. Eu sentei em sua cama e expliquei todos os meus problemas desde o começo. Eu os despejei com minhas mãos trêmulas e palavras fortes que poderiam levar convicção ao mais cético de todos. "Ela me odeia e odeia você também!", eu exclamei. "Ela se vingou de nós dois de uma só vez na noite passada. Ela me viu quando saí do baile, e ela deve ter te visto também. Ela sabia quanto tempo demoraria para você chegar em casa. Então ela não poderia fazer mais nada além de usar seu poder amaldiçoado. Ah, seu rosto machucado não é nada comparado a minha alma ferida!".

Ele estava impressionado com a minha história. Aquilo era evidente. "Sim, sim, ela me fez sair do baile", ele murmurou. "Ela é capaz disso. Mas é realmente possível que ela tenha lhe reduzido a isso? O que você pretende fazer em relação a isso?"

"Acabar com isso!", exclamei. "Eu estou perfeitamente desesperado; hoje eu darei um aviso imparcial a ela, e na próxima vez será o último."

"Não faça nada precipitado", ele disse.

"Precipitado!", gritei. "A única coisa precipitada que eu poderia fazer é adiar isso para outra hora." Com isso eu voltei para o meu quarto e aqui estou na véspera do que pode ser declarado como a maior crise da minha vida. Vou começar isso logo de uma vez. Hoje eu obtive sucesso em uma coisa, pois eu fiz com que uma pessoa, ao menos, percebesse a verdade dessa minha experiência monstruosa. E, se o pior acontecer, este diário ficará como uma prova da causa que me levou a isso.

Fim de tarde. Quando fui à casa de Wilson, fui apresentado, e o encontrei sentado com Srta. Penclosa. Por cerca de meia hora eu tive que suportar sua conversa minuciosa sobre sua pesquisa recente na área da natureza exata do espiritualismo. Enquanto aquela criatura e eu sentamos em silêncio olhando um pro outro através da sala. Eu percebi um prazer sombrio em seus olhos, e ela deve ter visto ódio e ameaça nos meus. Eu quase entrei em desespero em ter conversado com ela quando Wilson saiu da sala e nós ficamos a sós por alguns instantes.

"Bem, Professor Gilroy -- ou seria Sr. Gilroy?", ela disse, com aquele seu sorriso amargo. "Como está seu amigo Sr. Charles Sadler depois do baile?"

"Seu demônio!", gritei. "Agora os seus truques chegaram ao fim. Eu não mais os tolerarei. Ouça o que estou dizendo." Eu avancei e a sacudi grosseiramente pelos seus ombros. "Tão certo como sei que existe um Deus no paraíso, eu juro que se tentar mais um de seus truques diabólicos sobre mim eu acabarei com a sua vida. Aconteça o que acontecer, eu acabarei com sua vida. Eu cheguei ao limite do que um homem pode suportar."

"Os fatos não estão exatamente claros entre nós" ela disse, com um entusiasmo que se igualava ao meu. "Eu posso amar e eu posso odiar. Você fez sua escolha. Você resolveu desdenhou do primeiro; agora você deve provar do outro. Eu vejo que levará mais um tempo para que seu espírito se quebre, mas certamente ele se quebrará. Srta. Marden voltará amanhã, pelo que percebi."

"E o que isso tem a ver com você?", exclamei. "É sujo você ousar ao menos pensar nela. Se eu imaginar que você a machucaria..."

Ela estava assustada, eu podia perceber, apesar de ela tentar esconder. Ela leu o pensamento terrível que eu tinha na minha mente, e se afastou de mim.

"Ela tem sorte em ter um defensor como você", ela disse. "Ele de fato ousa ameaçar uma mulher solteira. Eu realmente devo felicitar Srta. Marden pelo seu protetor."

As palavras se tornavam mais amargas, mas sua voz e seu comportamento estavam cada vez mais ácidos.

"Não adianta falar", eu disse. "Eu vim aqui apenas para lhe dizer, e lhe dizer seriamente, que sua próxima atrocidade sobre mim será a última." Com isso, assim que ouvi os passos de Wilson pela escada, eu saí da sala. Ela pode parecer venenosa e mortal, mas, por tudo isso, ela está começando a ver que tem muito a temer de mim como eu posso ter dela. Assassino! Essa palavra soa estranho. Mas você não fala sobre assassinar uma cobra ou assassinar um tigre. Espero que ela tome cuidado.

5 de maio. Eu encontrei Agatha e sua mãe às onze horas na estação. Ela parecia tão reluzente, tão feliz, tão bonita. E ela estava tão contente em me ver. O que eu fiz para merecer tanto amor? Eu voltei para casa com elas, e nós almoçamos juntos. Todos os problemas pareciam ter se distanciado da minha vida. Ela me diz que eu pareço pálido, preocupado e doente. Felizmente tudo isso pode ser ligado a minha solidão, e os cuidados superficiais de uma empregada. Eu peço para que ela nunca descubra a verdade! Peço que a sombra, se houver alguma sombra, permaneça sempre na minha vida e deixa a dela à luz do sol. Eu acabei de voltar e me sinto um novo homem. Com ela ao meu lado eu acho que eu poderia mostrar uma cara de coragem para qualquer coisa que a vida possa me enviar.

5 P.M. Agora, deixe-me tentar ser preciso. Deixe-me tentar dizer exatamente o que aconteceu. Está claro na minha mente, e eu posso descrever tudo corretamente, embora não é provável que algum dia eu chegue a esquecer o que fiz hoje.

Eu retornei da casa dos Mardens depois do almoço e estava separando alguns cortes microscópicos no meu micrótopo de congelamento quando em um instante eu perdi a consciência de uma maneira repentina e odiosa que havia se tornado bem familiar para mim ultimamente.

Quando meus sentidos retornaram eu estava sentado em um pequeno compartimento, bem diferente daquele no qual eu estava trabalhando. Era agradável e claro, com sofás cobertos de chita, tapeçarias coloridas e mil enfeites pequenos e bonitos na parede. Um pequeno relógio decorativo na minha frente marcava três e meia. Tudo era bastante familiar para mim, e mesmo assim, meio tonto, eu olhei fixamente por um momento até que meus olhos observaram uma fotografia minha sobre o piano. No outro lado estava uma da Srta. Marden. Então, obviamente, eu lembrei onde estava. Era o quarto de Agatha.

Mas como eu cheguei lá, e o que eu fiz? Senti um peso terrível no coração. Será que eu fui enviado aqui por alguma sugestão diabólica? Será que essa sugestão já foi realizada? Certamente já; caso contrário, por que eu estaria consciente agora? Oh, que agonia naquele momento! O que eu fiz? Eu saltei e fiquei de pé em desespero, e assim que eu o fiz uma pequena garrafa de vidro caiu dos meus joelhos no carpete.

Não estava quebrada, e eu a peguei. No rótulo estava escrito "Ácido sulfúrico. Forte.". Quando eu retirei a rolha de vidro, uma fumaça densa subiu vagarosamente, e um cheiro penetrante e

asfixiante impregnou no quarto. Eu reconheci o líquido como sendo um dos que eu uso para testes químicos no meu laboratório. Mas por que eu levei uma garrafa de vitríolo para o quarto de Agatha? Não é esse o líquido espesso e fedorento com o qual as mulheres ciumentas ficaram famosas por acabarem com a beleza das suas rivais? Meu coração permaneceu calmo enquanto eu segurava a garrafa diante da luz. Graças a Deus, estava cheia! Nenhuma travessura tinha sido cometida ainda. Mas e se Agatha esteve aqui há um minuto atrás, não era certo que o parasita infernal dentro de mim tenha colocado aquilo em seu...Ah, eu não suportarei pensar nisso! Mas deve ter sido isso. Por qual outro motivo eu devo ter trazido isso? Ao pensar no que eu posso ter feito meus nervos desgastados se abatem, e eu sento trêmulo enquanto me contraio, mostrando a lamentável destruição de um homem.

Era o som da voz de Agatha e o barulho do seu vestido que me reanimou. Eu olhei para cima e vi seus olhos azuis, tão cheio de ternura e compaixão, me encarando.

"Nós devemos levá-lo para o campo, Austin", ela disse. "Você quer descanso e tranquilidade. Infelizmente você parece muito doente."

"Oh, não é nada!", eu disse, tentando sorrir. "Foi apenas uma fraqueza momentânea. Eu estou completamente bem novamente."

"Desculpe-me por tê-lo deixado esperando. Pobre rapaz, você deve ter ficado aqui por quase meia hora! O vigário estava na sala de visitas, e, como eu sabia que você não iria se importar com ele, eu imaginei que seria melhor que Jane lhe trouxesse aqui para cima. Eu pensei que o homem não iria embora nunca!"

"Graças a Deus ele ficou! Graças a Deus ele ficou!", exclamei descontroladamente.

"Por que, qual o problema com você, Austin?", ela perguntou, segurando meu braço assim que eu levantei da cadeira. "Por que você está contente pelo vigário ter ficado? E o que é esta pequena garrafa na sua mão?"

"Nada", eu gritei, colocando-a em meu bolso. "Mas eu preciso ir. Eu tenho algo importante a fazer."

"Quão sério você parece Austin! Eu nunca o vi desse jeito. Você está zangado?"

"Sim, eu estou zangado."

"Mas não comigo, certo?"

"Não, não, minha querida! Você não entenderia."

"Mas você não me falou por que veio."

"Eu vim para lhe perguntar se você me amaria para sempre, não importando o que eu tenha feito, ou que tipo de fama caia sobre meu nome. Você acreditaria em mim e confiaria em mim embora poderes malignos possam estar contra mim?"

"Você sabe que sim, Austin."

"Sim, eu sei que você iria. O que eu fizer eu farei por você. Eu sou forçado a isso. Não há outra saída, minha querida!" Eu a beijei e saí do quarto.

Aquele tempo de indecisão estava chegando ao fim. Enquanto aquela criatura ameaçava minhas

próprias perspectivas e minha honra, poderia haver uma dúvida em relação ao que eu deveria fazer. Mas agora, quando Agatha, minha inocente Agatha, está em perigo, meu dever se põe diante de mim como um pedágio em uma rodovia. Eu não tinha nenhuma arma, mas eu não parei por isso. Que arma eu precisaria, quando eu sentia cada músculo estremecer com a força desenfreada de um homem enfurecido? Eu corri pelas ruas, tão decidido do que eu tinha que fazer que eu estava vagamente ciente dos rostos de alguns amigos que encontrei -- vagamente consciente também que Professor Wilson me encontrou, correndo com a mesma pressa na direção oposta. Sem fôlego mas intransigente eu cheguei à casa e toquei a campainha. Uma empregada com bochechas pálidas abriu a porta, e ficou mais pálida ainda quando ela viu o rosto que olhava para ela.

"Mostre-me Srta. Penclosa logo de uma vez.", eu exigi.

"Senhor", ela respondeu ofegante, " Srta. Penclosa morreu esta tarde as três e meia!"

O PARASITA

Por
Arthur Conan Doyle

Este livro digital não pode ser vendido e foi criado como parte do Projeto 1000 Livros, por pessoas que acreditam no livro digital gratuito como ferramenta de democratização da leitura.

Se você também acredita, COMPARTILHE !

Edição Criada e Formatada por:

<http://www.elivros-gratis.net>

Tradução de Willame Soares Barroso

Contato: willame_soares@hotmail.com

Visite o site de Willame Soares Barroso em:

<http://willamesoares.github.io>

Conheça o Projeto 1000 Livros em:

<http://www.elivros-gratis.net/projeto1000livros>